

2009

FLORIANÓPOLIS

**DEKASSEGI: BUSCA DE TRABALHO E NOVAS
OPORTUNIDADES NO JAPÃO**

JULIO TANCREDO KAMMERS

CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

JULIO TANCREDO KAMMERS

DEKASSEGUI: BUSCA DE TRABALHO E NOVAS OPORTUNIDADES NO JAPÃO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de
graduação em Ciências Sociais da
Universidade Federal de Santa
Catarina, como requisito parcial
para a obtenção do título de
Bacharel em Ciências Sociais.
Orientador: Dr. Ricardo Gaspar
Müller

FLORIANÓPOLIS

2009

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Ricardo Gaspar Müller, por aceitar o convite de orientação deste trabalho apesar de seus compromissos e demais obrigações com sua vida profissional.

À Professora Dra. Bernadete W. Aued pelo apoio fornecido na ausência do Dr. Ricardo Gaspar Müller e auxílio de ideias na confecção do projeto e, desta forma, viabilizar tal pesquisa.

Ao Professor Dr. Raimundo Nonato Macedo dos Santos durante a cadeira de Pesquisa Bibliográfica, sempre com ótimas observações e dicas na confecção do pré-projeto.

À família Kaneoya, por mostrarem-se disponíveis para dialogar sobre este projeto e recomendar livros e teses de doutorado com a temática relacionada, enriquecendo e contribuindo de forma muito pertinente.

À família Korosue, por auxiliar como pôde no projeto e encontrar nela há algum tempo a minha "família japonesa".

Aos colegas acadêmicos que se fizeram presentes desde o início da caminhada (Lia, Luciana, João, Sabrina, Danilo, Thais, Ivanildo, Manuela) e os que apareceram durante a caminhada de graduação (Ricardo, Priscila, Michel, Camilla ou "Trau Phillippi", Thiago, Mariana, Mariane, Anahí, Lucimara, Patrick, Roberta, Léo) pelo apoio e disponibilidade de diálogo quando necessários para continuar no tema escolhido e demonstrando interesse.

À Professora Dra. Maria Soledad (Marisol), porque sempre acreditou no potencial do desenvolvimento do tema, além do consolo fornecido nas horas que eram mais necessárias e quando menos se esperava uma palavra animadora.

Aos amigos: Luiz, Christiano, Adolph, Bárbara minha "irmã", Gláucia (mesmo estando no Japão, sempre foi fundamental a sua "presença"), Katty, Hortência, Letícia, Fábio Kanashiro, Paula, Carol, Thiago Loriggio, Thatha, Cynthia, Jessy, Stéphany, Natacha, Madoka Hayashi, Yukako Ito, Goro Kodama (por traduzir uma das peças desta pesquisa), Fabiola, Leonardo

Hoffmann, Erica Suzuki, Henrique Futemma. Tanto os de perto do convívio direito desde a infância quanto os de longe, via MSN, pela compreensão nas mudanças de humor quando ocorriam e paciência nestes momentos.

Ao diácono Wilson Fábio de Castro no auxílio da revisão textual quando a monografia estava em sua fase final.

Aos entrevistados, porque foram peças fundamentais para o prosseguimento da pesquisa e, desta forma, não ficar apenas com pesquisas de dados secundários.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para esta construção, muito obrigado.

Aos meus pais, Helio Francisco Kammers e Beatriz Teixeira Ramos Kammers, com o papel fundamental de apoio e incentivo pleno nas horas mais difíceis além de celebrar com as minhas realizações.

RESUMO

Desde meados da década de 1980, os brasileiros descendentes de japoneses têm ido para o Japão como trabalhadores migrantes. Estes demonstram um histórico tanto de práticas com estadas temporárias consecutivas, como experiências de fixação permanente. Foram realizadas 5 entrevistas além do levantamento bibliográfico e análise de dados secundários para a consolidação de fontes do fenômeno nesta pesquisa. Um dos objetivos é o questionamento da migração para o Japão, porque, caso permanecesse no Brasil, o trabalhador alcançaria a acumulação de capital que deseja quando migra. Esta monografia aborda os seguintes temas: a migração japonesa para o Brasil; a japonicidade e o "espírito japonês"; a adoção do toyotismo no complexo industrial japonês que causou o sentido inverso, denominado de fenômeno *Dekassegui*, suas condições de trabalho, moradia e adaptação à nova rotina; e o retorno do nipo-brasileiro a partir da crise econômica com início em 2008.

Palavras-chave: Migração, Brasil, Trabalho, Nipo-brasileiros, Brasileiros no Japão, *Dekassegui*.

ABSTRACT

Since the mid-1980s, Brazilians of Japanese descent have gone to Japan as migrant workers. They both show a history of practice with temporary stays in succession, and experiences of setting permanent. 5 interviews were conducted beyond the literature review and analysis of secondary data sources for the consolidation of the phenomenon in this research. One of the goals is the question of migration to Japan, because if it remains in Brazil, the employee reach the accumulation of capital when you want to migrate. This monography addresses the following topics: the Japanese migration to Brazil, the Japanese and "Japanese spirit", the adoption of Toyota in Japanese industrial complex that caused the opposite direction, called the phenomenon *Dekassegi*, their

working conditions, housing and adaptation to new routine, and the Japanese-Brazilian return from the economic crisis starting in 2008.

Keywords: Migration, Brazil, Work, Job, Japanese Brazilian, Brazilians in Japan, *Dekasegi*.

SUMÁRIO

01 LISTA DE SIGLAS E ABRÉVIATURAS

02 INTRODUÇÃO

04 1. "Nihon ni itemo sho ga nai" (Não Há Jeito de Ficar no Japão)

09 2. A presença do *Yamato damashii* e do *Nihonjinron* no Brasil

09 2.1 A construção do mito a partir da religião e razões para o Japão incorporá-lo no século XX

12 2.2 Circunstâncias propícias para a permanência do *Yamato damashii* no Brasil

15 3. O "Giseiteki Seishin" do *Dekassegui*

15 3.1 Do Fordismo ao Toyotismo

16 3.2 O contexto do parque industrial japonês

18 3.3 A década perdida na América Latina e a motivação *Nikkei*

20 3.4 O *Giseiteki Seishin* e os obstáculos encontrados

20 3.4.1 Quanto à conjuntura brasileira e a rotina de trabalho no Japão

23 3.4.2 Quanto à mudança de rotina no cotidiano e a diferença de Japão

27 4. A Institucionalização da Presença Brasileira no Japão e o seu Rumo Com a Crise

27 4.1 Critérios utilizados para contabilização de estrangeiros no Japão após a Segunda Guerra Mundial

27 4.2 O crescimento da população estrangeira com números significativos

31 4.3 Reflexos da maior presença brasileira no Japão

31 4.3.1 Quanto a associações de apoio ao *Dekassegui* no Brasil e no Japão

32 4.3.2 Quanto à adaptação das cidades nipônicas, parte comercial e educacional

34 4.4 Qual a necessidade de migrar?

36 4.5 A mudança de rumo do *Dekassegui* com a crise econômica no século XXI e as novas regras japonesas

39 CONCLUSÃO

42 REFERÊNCIAS

28 Gráfico 1 – Estrangeiros no Japão por Macrorregião de Procedência em 2006

29 Gráfico 2 – Brasileiros no Japão e a sua Taxa de Crescimento Anual (%)

30 Tabela 1 – Brasileiros por Principais Províncias do Japão (1994 a 2006)

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AAD	Associação de Apoio aos <i>Dekasseguis</i>
ABD	Associação Brasileira de <i>Dekasseguis</i>
BID	Banco Internacional de Desenvolvimento
CETEBAN	Centro Tecnológico de Brasília
CIATE	Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior
EUA	Estados Unidos da América
FEFISA	Faculdades Integradas Santo André
FMI	Fundo Monetário Internacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação e Cultura
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SIGI	<i>Soka Gakkai International</i>
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

INTRODUÇÃO

Pelo fato de me interessar pelo Japão, em sua totalidade, estabeleci amizade com muitos descendentes de japoneses, em Florianópolis e outras regiões, através de sites de relacionamento como *Orkut*¹. Na Associação Nipo-Catarinense², passei a participar de seu time de beisebol/softbol, por este esporte me despertar curiosidade e procurar alguma espécie de atividade física. Nestes momentos percebi que alguns falavam sobre a experiência de ser *Dekassegui*, haverem fixado residência no Japão e a vivência adquirida no país de origem de seus ancestrais. Como necessitava de um tema para um exercício numa cadeira optativa (no segundo semestre de 2007, Pesquisa Bibliográfica, feita com graduandos do curso de Ciência da Computação), pesquisei sobre este assunto que me interessava. Percebi que, por ser um fenômeno recorrente entre os nipo-brasileiros, seria pertinente para um maior aprofundamento.

O objetivo geral desta pesquisa é a compreensão do fluxo migratório dos japoneses e nipo-brasileiros com a contextualização histórica de sua chegada no Brasil. Ao longo dos anos de 1980, 1990 e 2000 o movimento contrário em busca de prosperidade financeira na terra de seus ancestrais, é uma constante o vai-e-vem entre ambos os países com a reforma na Lei de Imigração de 1990 no Japão. Foram realizadas no total cinco entrevistas: duas com pessoas que realizaram o trabalho temporário (*Arubaito*); duas com quem permaneceu mais de 2 anos na condição de *Dekassegui*; e, uma delas, com um ex-recrutador que trabalhou no ramo de 1987 a 1992. Houve a tentativa em realizar mais entrevistas, entretanto, não foram possíveis, seja por indisponibilidade de tempo dos informantes ou algum receio quanto à pesquisa.

¹ O *Orkut* é uma rede social filiada ao grupo *Google*, criada em 24 de Janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, *Orkut Büyükkökten*, engenheiro turco funcionário do *Google*. Tais sistemas, como esse adotado pelo projetista, também são chamados de rede social. A maioria de seus membros são brasileiros e indianos.

² Localizada em Florianópolis, SC, A Associação Nipo-Catarinense foi fundada em 6 de Novembro de 1983. É uma entidade sem fins lucrativos, declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei Nº 6.396 de 12/07/1984 e de Utilidade Pública Municipal pela lei Nº 2.595 de 16/06/1987, possuindo mais de 500 associados.

Este trabalho não busca discutir o conceito de trabalho, mas, este tema

perpassa por toda a pesquisa.

No primeiro capítulo é feita uma contextualização histórica dos motivos que levaram os japoneses migrarem para outros países, em específico à América do Norte e América do Sul, focando a sua importante presença no Brasil. No segundo capítulo é abordada a japonicidade e a formação do "espírito japonês" a partir do xintoísmo e como foi utilizado para autoafirmação de uma raça superior e pura, bem como um comparativo sobre a assimilação e integração dos japoneses e dos alemães no Brasil e seus motivos. No terceiro capítulo as temáticas são: a transição do fordismo ao toyotismo; o contexto do parque industrial japonês; as razões para a denominação da década de 1980 como época perdida na América Latina e a motivação do nipo-brasileiro, com as dificuldades encontradas na mudança de rotina e a diferença de Japão do que pensavam ser e de como é na realidade. No quarto capítulo são tratados os seguintes assuntos: os critérios utilizados pelo governo japonês para a contabilização de estrangeiros após a Segunda Guerra Mundial; o crescimento da população estrangeira com números significativos e os reflexos da maior presença brasileira no Japão quanto a: associações de apoio ao *Dekassegui* no Brasil e no país do Sol Nascente e adaptação das cidades nipônicas na parte comercial e educacional. Questiona-se ainda no quarto capítulo a necessidade de migrar e é comentado sobre a mudança de rumo do *Dekassegui* com a crise econômica do século XXI e as novas regras japonesas para o migrante.

Ao escrever esta monografia, escolhi por escrever com a nova norma ortográfica adotada no início 2009 e que entrará em vigor no ano de 2012, para maior familiarização e adaptação de seu uso.

1. "Nihon ni itemo sho ga nai" (Não Há Jeito de Ficar no Japão)

De 1868 a 1912 o Japão atravessa o período denominado Era Meiji. Esse período foi marcado pela adoção do lema "Bunmei Kaika" 文明開化 – "Civilização e Esclarecimento", ou seja, o avanço de modernidade, modificações no âmbito burocrático, político, civil e industrialização com elementos e recursos, como, por exemplo, o uso da energia elétrica, construções ocidentalizadas, renovação da esquadra naval para o que denominavam de "Esquadra negra" por ser movido a carvão com a característica fumaça desta cor.

Enquanto ocorre a intensa ocidentalização do Japão na Era Meiji, há fome, miséria, falta de terras e desemprego pelo país, fazendo-os migrar para outros países. O movimento migratório inicia-se com trabalhadores de baixa qualificação com destino para o Havaí (em geral para trabalhar nas plantações de abacaxi ou cana-de-açúcar, com o ideal de ficar no máximo 3 anos e retornar para seu país originário. O migrante recebia o chamado "*Kaigai Dekasegi annai*" (Guia do *Dekasegi*), o qual informava de modo breve as condições de trabalho e salário para onde migravam) (cf. 100 Anos de Imigração Japonesa no Brasil (2008).

Em 1898 o Havaí é anexado ao território dos Estados Unidos e a costa oeste deste país também passa a ser um possível destino para o migrante, e em menor número ia para o Peru, México, Austrália, Canadá, Bolívia, Chile, Argentina, e, mais tarde, o Brasil. Ao mesmo tempo em que houve a migração de trabalhadores do meio rural, ocorreu o recrutamento de caráter voluntário para efetivos de defesa com destino à Coreia e Manchúria. Em 1908 os Estados Unidos e o Canadá adotaram medidas mais rígidas para controle migratório dos japoneses cujo documento foi denominado "*Gentlemen's Agreement*" (Acordo de Cavalheiros), até não haver mais entrada de nipônicos nestes países em 1924 devido ao Ato de Imigração por Cotas.

A Austrália, em 1902, exigia que cada candidato transcrevesse em um ditado pelo menos 15 palavras em qualquer idioma europeu e reduziu o número de japoneses migrantes para próximo de zero. A partir de 1907 não ocorreu mais migração japonesa. Em consequência, os destinos mais buscados no século XX pelos japoneses passaram a ser o Brasil (como mão-de-obra nas plantações de

café), o Peru e a Bolívia (para trabalhar nas *Haciendas* de algodão), pois o projeto mexicano não foi concluído por falta de capital financeiro em 1897.

A partir de 1850 com a Lei Eusébio de Queirós³ o Brasil demandava mão-de-obra barata e adota uma postura mais enfática de recepção de força de trabalho migrante. A medida que se sucedeu a abolição da escravatura e a crescente expansão da cafeicultura, os escolhidos são os alemães, italianos, espanhóis, portugueses⁴. Em princípio, os "amarelos" não se encaixavam na população brasileira, formada por brancos e negros. Os japoneses passaram a ser uma alternativa quando a Itália, em 1902, proibiu que seus cidadãos sejam recrutados para trabalhar no Brasil. Os japoneses preenchem tal lacuna, sendo que a sua presença causa acalorado debate a respeito de sua aceitação no país.

Entre os representantes do Ministério das Relações Exteriores do Japão (MREJ), na época, havia uma preocupação com a política negativa (de raça inferior e perigosa devido a seu poderio militar) das práticas migratórias antijaponesas em territórios anglo-saxônicos (EUA, Canadá e Austrália), que influiu no seu *status* de potência asiática (venceu as guerras com a China entre 1894-1895 e a Rússia, 1904-1905). Acreditava-se que, com a imigração para o Brasil, o problema estaria resolvido em termos. A partir do Tratado de Amizade e Comércio com o Japão, assinado em 1895, como uma possibilidade de direcionar o excedente populacional para outros países além dos Estados Unidos tornou-se altamente benéfico a este país. (SAKURAI, 2004).

Como o Brasil não tinha escolha para implementar a substituição de sua mão-de-obra, os japoneses vieram trabalhar nas fazendas brasileiras. Os migrantes japoneses vieram das regiões de Fukushima, Kumamoto, Kagoshima, Hiroshima, Miyagi, Tokyo, Niigata, Yamaguchi, Ehime e Okinawa⁵. A grande maioria dos migrantes, acima de 40%, eram provenientes de Okinawa, apontados como os mais

³ Denomina-se de Lei Eusébio de Queirós a medida adotada no Segundo Reinado brasileiro que proíbe o tráfico interatlântico de escravos.

⁴ Devido às condições socioeconômicas miseráveis para uma enorme massa em tais países durante a Segunda Revolução Industrial e a política de "branqueamento" da população brasileira instituída, sobretudo após a libertação de escravos.

⁵ O arquipélago de Ryūkyū está situado ao sul das ilhas de Kyūshū e inclui a baía de Okinawa. Um império independente e foi dominado pelo império japonês no fim do século XIX. Durante a Era Meiji no decorrer de sua expansão territorial exilou o imperador SHO Tai forçadamente para Tokyo em maio de 1879.

fortes e resistentes fisicamente. Estes migrantes eram, em sua maioria, agricultores, com a esperança de trabalhar em três anos nas lavouras de café brasileiras e retornar para o Japão prósperos financeiramente. (*Made in Japan*, 2003). Como podemos observar a ideia *Dekassegui* já estava presente naquele período entre os japoneses, não havia sentimento de "pertencer" ao território a que se direcionaram para trabalhar, pois ainda consideravam-se japoneses.

O migrante nipônico possui o "*Giseiteki Seishin*" (espírito de sacrifício), com o ideal de que, apesar de sofrido, alcançará êxito em um curto espaço de tempo. Tendo uma auto-imagem positiva, admiram as pessoas que possuem "fibra" (*konjo*) e espera que as pessoas sejam flexíveis como bambu: "devem curvar-se, mas não devem partir-se" e também quem possui paciência (*gaman*) para suportar as adversidades permanecendo firme (*ganbaru*) com sobriedade (*tsumashii*) para prosperar. Os japoneses que se fixaram no Paraná se intitulam *Gisei imin* ou *Kimin*, (os "migrantes do sacrifício"), enquanto os da colônia de Tomé-Açu, no Pará, adotaram o termo "*Mabiki imin*" (os "migrantes da rareação"). Como havia a falta de recursos (alimentos, emprego, terras) para uma parcela considerável da população nipônica, os que não eram os primogênitos possuíam a necessidade em migrar, porque não havia emprego suficiente no comércio, indústria e vagas suficientes no serviço militar. Tal como os lavradores fazem com as mudas de arroz descartando-se do excedente para propiciar bom crescimento às que permanecem e assim, ter uma safra abundante, os migrantes foram transplantados da zona rural japonesa com a finalidade dos remanescentes poder prosperar. "Não havia jeito de permanecer no Japão" (*Nihon ni itemo sho ga nai*) (STANIFORD, 1973, [1970]).

Na década de 1930, o Brasil tentava montar uma sociedade por igual, coisa e com os mesmos objetivos, buscava uma consciência nacional⁶. O então presidente Getúlio Vargas, no princípio, demonstrou simpatia pelo nazifascismo⁷, porém, viu-se obrigado a apoiar os Aliados em 1941 (EUA, URSS, Inglaterra). Em 1942, inicia-se,

⁶ Durante o Estado Novo (1937 – 1945), o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) buscava formar uma consciência de "ser brasileiro" e, simultaneamente, procurar aprovação e legitimidade para o governo. O Estado novo teve fim em 1945

⁷ O Estado Novo possuía similaridade com a forma de poder praticada por Hitler e Mussolini: ditatorial, nacionalista e xenofobo. O governo Vargas promovia a formação de uma consciência nacional através da cultura, com sambas sobre o Estado Novo e afins. Entretanto, um navio brasileiro foi supostamente atingido por um submarino alemão e, com tal fato ocorrido, o Brasil entra na guerra, porém, a favor dos Aliados.

no Brasil, uma campanha antijaponesa⁸, fomentada, principalmente pelo fato de o Japão ter se aliado ao Eixo (Alemanha e Itália). Ou seja, deve-se à expansão militarista do nazifascismo, representada pela Alemanha e da Itália (na Europa), bem como a do Japão.

Todo o processo migratório era custeado pelo governo japonês, desde o transporte até a estadia no país hospedeiro. Seu ápice foi de 1925 a 1934, com mais de 120 mil imigrantes. Os anos de 1930 são marcados por mudanças políticas, com o início do Estado Novo⁹, um período ditatorial com ideais ufanistas, o qual restringe a entrada de estrangeiros ao país. Até 1945 os japoneses consideravam-se *Nihonjin*¹⁰, pois desejavam retornar enriquecidos à sua terra natal. Após este ocorrido, passaram a construir suas vidas em território brasileiro, sem cogitar a possibilidade de retorno. Antes, possuíam o ideal de permanência provisória no Brasil. Não obstante a conjuntura, o fluxo de japoneses para o Brasil é retomado em 1953. O governo japonês continua controlando a migração, porém, há uma diferença entre os migrantes veteranos e os que vieram a partir da década de 1950, construindo-se uma relação tensa entre ambos. Os do "Novo Japão" (a partir de 1953) são jovens rapazes educados e qualificados na área agrícola e também em alguns setores industriais. Houve, a *posteriori*, uma migração de noivas japonesas para desposar tais rapazes e se estabelecer nas terras brasileiras. Nos anos de 1960, o processo migratório de japoneses ao Brasil diminui de modo gradativo, devido à retomada do crescimento econômico no Japão. É encerrado esse programa migratório para as terras brasileiras. Calcula-se que cerca de 53 mil japoneses migraram para o Brasil até 1973.

Em 2005 a estimativa de japoneses e descendentes no Brasil é de 1,3 milhões. Sua distribuição é a seguinte: 80% destes japoneses e brasileiros descendentes de japoneses (*Nikkei*)¹¹, incluídos os japoneses naturalizados,

⁸ "Segundo as palavras de Oliveira VIANA (1934, p. 209), defensor assíduo da intervenção estatal para assegurar a arrianização da nacionalidade brasileira: "O japonês é como enxofre: insolúvel" (sic), in (SASAKI, 2009, p. 84). Oliveira Viana (Saqueama, 20 de junho de 1883 – Niterói, 28 de março de 1951) foi professor, historiador, jurista e sociólogo, promotor dos estudos eugênicos e defensor da superioridade branca com relação às demais "raças".

⁹ O apoio aos Aliados determinou o fim do próprio Estado Novo. Em outubro de 1945 o exército cercou o Palácio do Catete e obrigou a renúncia de Getúlio Vargas e em dezembro do mesmo ano foi realizada a eleição para presidente com a vitória de Eurico Gaspar Dutra (PSD – PTB).

¹⁰ *Nihonjin* (日本人) – japonês.

¹¹ *Nikkei* (日系), *Nikkeijin* (日系人) – Pessoa de origem nipônica.

localizam-se no Estado de São Paulo; 15% destes no Paraná (principalmente na região norte/noroeste, como nas cidades de Londrina e Maringá) e os 5% restantes estão espalhados por quase todos os outros estados brasileiros. (SASAKI, 2006).

(Homem *Nikkei*, 65 anos)

“Somente sendo um japonês para compreender outro japonês e sua cultura.”

2. A presença do *Yamato damashii*¹² e do *Nihonjinron*¹³ no Brasil

2.1 A construção do mito a partir da religião e razões para o Japão incorporá-lo no século XX

Segundo a tradição xintoísta, a Deusa Sol (*Amaterasu Omikami* - 天照大神)¹⁴ coroou seu filho mais novo, *Jimmu Tennō* (神武天皇), como Imperador do Japão no ano 660 a.C.. Ele estabeleceu a dinastia *Yamato* e reuniu aos poucos a maioria das regiões do arquipélago num Estado, denominado “Estado Yamato”. Seu poder foi consolidado a partir de uma forma primitiva de xintoísmo, o qual além de instrumento religioso também tinha seu papel político. O imperador japonês era considerado o chefe do *Yamato minzoku* (大和民族 – raça japonesa) e do Estado.

Desde a Era Tokugawa¹⁵ a epígrafe deste capítulo é afirmada de modo amplo, estendendo-se por sua essência, a maneira japonesa em fazer algo e a tradição nipônica em geral, o Estado japonês divulgou de forma ampla como parte ideológica conectada à interpretação imperial da história do Japão antes da Segunda Guerra Mundial.

Apesar de o Japão ter se militarizado e participado de forma ativa em guerras buscando “terra livre”, a África e a Ásia já estavam divididas entre as potências europeias. O Japão era o único país não-branco considerado uma “Grande Potência Mundial”, mas, encontrava-se numa posição frágil, pois apesar de ser mais forte que os demais países asiáticos, se via de certo modo mais fraco que as demais potências, as quais eram “racionalmente” ocidentais em oposição ao oriental. Mostrava-se contrário à expansão ocidental na Ásia, porém, justificava seu próprio

¹² *Yamato damashii* (大和魂) – Espírito japonês

¹³ *Nihonjinron* (日本人論) – Japonicidade

¹⁴ Para maiores detalhes da Mitologia Japonesa, cf. Elisa Sasaki (2009).

¹⁵ A Era Tokugawa ou Edo vai de 1603 a 1867, marcada pelo último Xogunato (pela característica de um governo militar).

expansionismo no território asiático. Com seu *status* de "Grande Potência" e a dubiedade quanto à sua hierarquia racial no âmbito internacional levaram o Japão a apresentar a "Proposta de Igualdade Racial" na Conferência de Paris em 1919.

Os japoneses buscavam igualdade racial com as demais potências brancas, como o único país com *status* de potência não-branca antes da Primeira Guerra Mundial, expusera-se a uma condição frágil. A "Proposta de Igualdade Racial" revelava a incerteza do Japão com relação à futura ordem internacional e sua posição no cenário, por ser "minoría" quanto à sua origem racial entre as grandes potências, pois a ordem hegemônica era ariana. Levantando esta questão, os japoneses tentaram, de modo intencional ou não, conectar duas questões: a racial e a de assegurar o seu futuro *status* na ordem mundial. Apesar de sua insegurança e de seu complexo de inferioridade, no íntimo, o Japão percebia de forma muito evidente as regras do jogo de poder. A classificação racial legitimava, diversas vezes, a dominação cultural e a colonização marcada pelo discurso civilizatório, quando na realidade os interesses são econômicos, políticos, estratégicos e afins.

Entretanto, a Proposta de Igualdade Racial foi rejeitada na Conferência de Paz de Paris, o que contribuiu para gerar uma crença no Japão durante os anos 1920 de que o Ocidente dirigia de forma hegemônica um sistema internacional "parcial" e "injusto. Além disso, deu combustível para uma política externa nipocêntrica e pan-asiática, em particular nos anos 1930. (SASAKI, 2009)

Além de o Japão ter-se tornado uma das potências mundiais, adquiriu uma importância na dimensão racial nos anos 1920, o que criou máquina entre a população: ampliou a insegurança nipônica e provocou a formação de facções militares extremistas, colaborando para uma política externa mais agressiva¹⁶. Foi reconstruída de acordo com o retrato do Japão uma ideologia cujo império considera sua cultura única e de sangue, que somente o japonês possui, enfatizando o mito de homogeneidade étnica e pureza do povo japonês, exceto os Okinawanos (mencionados no primeiro capítulo) e os *Ainu*¹⁷.

¹⁶ Mãos de ferro em territórios anexados (Coreia, Filipinas, Taiwan); bombardeio na Manchúria em 1928 que derrubou Chang Tso-lin (senhor da guerra chinês, que mantém tropas apoiadas pelo exército japonês) e posterior ocupação em 1931; invasão do território chinês (1937).

¹⁷ Os *Ainu* (アィヌ) constituem um grupo indígena étnico de Hokkaidō, ilhas Curina e Sacalina, que sofreu pesadas perseguições e agressões; muito sacrificado pelo governo japonês, pois não assumiu

O mito da homogeneidade étnica japonesa ainda está presente e, aos poucos, consegue-se provar a falha desta teoria, pois os nipônicos são formados por genes chineses, coreanos, okinawanos, *ainu*, filipinos, dentre outros.

anexados. (SASAKI, 2009).

âmbito econômico (legitimação como potência) em detrimento dos territórios comparação aos coreanos, chineses e afins, além de o Japão crescer mais no que os outros", ou seja, os japoneses possuíam mais direitos e privilégios em nipônico. Entretanto, não era bem assim que funcionava, pois uns eram "mais iguais colhendo benefícios com o passar do tempo e maior reconhecimento do estado política e economicamente, por atender os interesses de seu grande aliado, Malásia, Manchúria, Singapura e afins apoiando o Japão, eles seriam beneficiados povos anexados também. Em teoria, a união da China, Coreia, Filipinas, Tailândia, países se unem em torno do Japão para ele prosperar e, como consequência, os imperial. Há também a ideia de "Esfera da Co-Prosperidade", na qual os demais populações recém-incluídas têm a possibilidade de tornarem-se filhos da família chefe do *Yamato minzoku* (大和民族 - raça japonesa), com o argumento das sentimento de pertença ao Estado japonês e o imperador passa a ser visto como o Adotaram o conceito de "Estado-Família" (*Kazoku Kokka* - 家族国家), criando um tempos antigos e a importação tecnológica e instituições ocidentais na Era Meiji. exemplo: a emergência da raça Yamato, a incorporação da cultura chinesa nos O Japão acreditava ser um grande assimilador de outras culturas e povos, por

influência russa e chinesa na região.

Russo-Japonesa e anexar ao território nipônico em 1910, quando não havia mais pensamento "Eu" e o "Outro" foi tornar a Coreia um protetorado em 1905 na Guerra expansionismo colonial nas décadas de 1930 e 1940. Um dos ocorridos do "subordinados" e as demais raças como "inferiores"), buscando legitimação em seu subdivisões: os chineses, coreanos, taiwaneses e outros asiáticos como O discurso colonial japonês era do "Eu" (japonês) e o "Outro" (com

2.2 Circunstâncias propícias para a permanência do *Yamato damashii* no Brasil

Além dos fatores citados anteriormente, como o de os “amarelos” serem considerados inassimiláveis, houve a perseguição no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, pelo fato de o Japão pertencer ao Eixo. Por exemplo: os japoneses flagrados conversando em japonês eram surrados na rua, e, os ouvintes de rádios japonesas, o seu transmissor era confiscado; os que tinham carros não eram permitidos dirigir, sendo obrigatória a presença de um oficial como motorista para ter certeza aonde a pessoa iria; os cultos de lealdade ao imperador do Japão foram proibidos também, pois se buscava a “consciência nacional” brasileira.

No fim da Segunda Guerra Mundial, as colônias japonesas dividiram-se em dois grupos: os *Makegumi* (Derrotistas) e os *Kachigumi* (Vitoristas). Os *Kachigumi* consideravam a derrota japonesa impossível, pois não perdiam uma guerra há mais de dois mil anos: a notícia deveria ser uma mentira do governo brasileiro, que havia se vendido para os “demônios estado-unidenses”. Com isto, os *Kachigumi* influenciaram muitos de seus patrícios sobre os *Makegumi*, culpando-os como traidores do imperador, já que não havia como se informar da realidade, pois seus rádios foram confiscados e a imprensa escrita em japonês estava proibida no Estado Novo. Os *Kachigumi* organizaram a Liga do Caminho dos Súditos (*Shindo Renmei*)¹⁸, responsável por assassinatos brutais, um grupo forte com formação militar e aplicador de golpes em vender passagens de volta para o Japão, fazer falsas promessas de que o Japão enviaria navios para buscar seus súditos, dentre outras. Um dos ideais declarados da *Shindo Renmei* era a propagação da paz e prosperidade no Brasil e no mundo através da propagação do *Yamato damashii*. Muitos dos *Kachigumi* morreram com esta ilusão.

Os japoneses abandonaram a possibilidade de retorno para o Japão (inclusive os filhos que sentiam falta de algo que nunca viram, só ouviam histórias saudosas e otimistas, considerando o Japão ser sua mãe-pátria, graças à educação distorcida de seus pais, preservando o “espírito japonês”) (KUMAKASA e SAITO, 1973 [1970])¹⁹ e investiram em melhores condições, na educação de seus filhos

¹⁸ Para maiores informações sobre a *Shindo Renmei*, cf. Elisa Sasaki (2009), Hiroshi Saito e Takashi Maeyama (1973), além do clássico “Corações Sujos”, de Fernando Moraes. Este último relata de uma forma muito mais detalhada quais eram as ações da *Shindo Renmei*.

¹⁹ “Distorcida”, conforme referência dos próprios autores.

Para SCHADEN (1973 [1956]), num estudo comparado com alemães, teuto-brasileiros, com japoneses e nipo-brasileiros, há alguns fatores que pesam. Um foi a recente chegada dos japoneses no território brasileiro (enquanto os alemães estão presentes desde a segunda metade do século XIX), bem como a dificuldade do novo idioma (não só a fala, mas o alfabeto ocidental, com o qual eles não estavam familiarizados), o que resultou em isolamento. Seu estudo com relação aos alemães tem como base o sociólogo Emilio Willems de uma pesquisa realizada de 1948 a 1949. Para o autor, apesar de migrarem para o Brasil cerca de 200 mil alemães em um movimento de autocolonização, garantiu à esta etnia uma maior importância na vida nacional.

Entretanto, a concepção de preservar os hábitos japoneses, a questão da “raça pura” e procurar mantê-la deste modo (um *Gaijin*²⁰ na família era visto como uma desonra e ainda é neste molde em famílias mais tradicionais que habitam a região de Maringá, por exemplo) perduraram. O *Yamato dâmashii* ou *Yamato mokoro* (termo adotado no Brasil após a Segunda Guerra Mundial para falar do “Coração Japonês”) permanece arraigado em alguns grupos *Nikkéis* que se reúnem (em *Seinenkai* (Grupo de Jovens) de clubes nipo-brasileiros), excluindo os ocidentais, seja de modo proposital e pensado ou não, argumentando que são “diferentes demais” e “Um brasileiro jamais consegue entender um japonês”.

Ao descartar este ideal, as famílias nipônicas passaram a ter atividades religiosas no Brasil, pois antes diziam que deixaram seus deuses no Japão, no seu “ie” (いえ – casa) com seus familiares e acreditavam da morte no Brasil ser um acidente de percurso. Portanto, o seu espírito voltaria para o seu “ie”, junto de seus familiares. Com o fim da ideia de retorno, acreditavam serem os pioneiros, construtores de um novo “ie”, com suas tradições, praticando as novas religiões que remontam as tradições japonesas (*Seicho No Ie*, Igreja Messianica, *Soka Gakkai*).

(desejando que fizessem um curso universitário), e estes escolheram cursos que “dão mais dinheiro”, como engenharias (Química, Civil, Mecânica), Administração, Economia, conforme viam a possibilidade de maior retorno financeiro, não escolhendo cursos “tradicionais” (Medicina, Direito). (SHIMIDU, 1973 [1971]).

Os alemães estavam isolados *a priori* em núcleos rurais e familiares, não havendo uma permeabilidade. Entretanto, com o inchaço no meio rural e a ausência de artesãos nas áreas luso-brasileiras, os alemães e teuto-brasileiros migraram para estes núcleos, que se assimilaram em pouco tempo. Com a Primeira Guerra Mundial, as colônias teuto-brasileiras receberam médicos, administradores, enfim, um maior convívio com o idioma português, o que causou uma vinculação nacional consistente.

Os japoneses por sua vez, mesmo indo para os núcleos urbanos, isolavam-se com seus hábitos culturais, dificultando a aculturação e assimilação. Seu maior contato era através dos filhos frequentando escolas de Ensino Médio e, *a posteriori*, as universidades, cujo fator é devido ao traço cultural nipônico de respeito ao saber e às instituições universitárias²¹. Os japoneses que permanecem no meio rural possuem como barreira à aculturação e ao etnocentrismo e convivem mais com o caboclo, acentuando a disparidade cultural de ambos os lados e alimenta a ideia de autoafirmação nipônica de superioridade cultural, por se considerar mais organizado, higiénico, etc.

Porém, a dificuldade em quebrar os mitos de homogeneidade étnica e o "espírito japonês", parte tanto dos brasileiros com origem europeia como dos nipônicos. A aceitação de um japonês numa família branca era impensável, pois diziam dos japoneses ser estranhos com seus "olhos puxados e pele amarela e costumes que ninguém entende", justificando dessa forma o seu preconceito. Já os japoneses ao encontrarem estas barreiras, optaram por este isolamento também para não sofrer maiores dificuldades e preconceito por parte dos demais e, desta forma, legitimar seus argumentos de homogeneidade étnica e que, para entender um japonês, somente sendo um. A maior frequência de casamento entre *Nikkei* e *Gaijin* (para utilizar o termo como os nipo-brasileiros fazem), indica maior aceitação, integração e assimilação da cultura do Sol Nascente e de seus descendentes (mesmo que a passos lentos), tal como ocorreu com os europeus.

²¹ Uma das características da Era Meiji que permaneceu entre os nipo-brasileiros foi o respeito pelo domínio de conhecimento por meio de estudos e, principalmente, o ensino universitário, pois demonstra que alguém é dedicado e interessado por uma formação profissional qualificada e competente.

3. O "Giseiteki Seishin" do Dekassegui

3.1 Do Fordismo ao Toyotismo

De 1965 a 1973, o sistema fordista-keynesiano demonstrou seus sinais de fraqueza, marcado pela desvalorização do dólar com as taxas flutuantes de câmbio e problemas com a rigidez nos mercados, na alocação e nos contratos de trabalho, bem como o mercado interno saturado e a necessidade de iniciar a exportação de seus excedentes. Entretanto, havia a tentativa de superar os problemas de rigidez nos investimentos de capital fixo de larga escala e longo prazo. O empresariado entrava em choque com a classe trabalhadora devido aos programas de assistência (previdência, seguro social, direitos de pensão, etc.) quando buscava soluções de investimento através de sua diversificação²². Com o maior leque de investimentos, mudaram de local seu parque industrial para países periféricos, cujos empregados em potencial não possuíam leis rígidas quanto aos direitos trabalhistas, tornando mais comum a denominada substituição de importação (para exemplificar, os países latino-americanos encontravam-se em regime ditatorial, sem força de movimento). Além disso, ocorreu a mecanização da produção e, desta forma, uma alta taxa de desemprego, entretanto, o poder sindical, substituiu a mão-de-obra até então qualificada em setores específicos da linha de montagem, causou diminuição da folha de pagamento além menor peso de encargos sociais.

A partir do elevado índice de desemprego nos países desenvolvidos (por exemplo, os EUA), os sindicatos perderam sua expressividade e os padrões aproveitaram a situação para impor regimes e contratos trabalhistas mais flexíveis. Esta flexibilidade tem como propósito a satisfação das corporações conforme suas necessidades específicas. Mesmo os empregados regulares são obrigados a adaptar-se às novas regras de mercado. Neste molde, não são somente 40 horas semanais ao longo do ano, mas sim uma jornada maior em época de pico de demanda e menos horas quando há uma redução da demanda, ocorrendo um enxugamento do núcleo (os empregados "em tempo integral, condição permanente e posição essencial para o futuro longo prazo da organização") e a crescente

²² Investimento diversificado entende-se não concentrar o capital em apenas um setor. Por exemplo, a General Motors possui investimentos no setor armamentista e aeronáutico, enquanto o grupo Ford detinha domínio da Philco até a década de 1980, enquanto o grupo Disney possui uma universidade.

O Japão após a Segunda Guerra Mundial adotou o sistema de produção denominado Toyotismo (ou *Just in time*), modo de organização produtiva, elaborado por Taiichi Ohno e caracterizado como filosofia orgânica da produção industrial (modelo japonês), adquirindo projeção global. O Japão foi o berço da automação flexível, pois apresentava um cenário diferente dos Estados Unidos e da Europa: um pequeno mercado consumidor, capital e matéria-prima escassos, impossibilitavam a solução Taylorista-Fordista de produção em massa. A resposta foi o aumento na produtividade na fabricação de pequenas quantidades de numerosos modelos de produtos, voltados para o mercado externo, de modo a gerar divisas tanto para a obtenção de matérias-primas e alimentos, quanto para importar os equipamentos e bens de capital necessários para a sua reconstrução pós-guerra e para o desenvolvimento da própria industrialização. No Toyotismo, não há grande estoque de peças, mas sim um controle rigoroso na qualidade em cada etapa, chamado de *Kensa*. Os testes deixam de fazer parte do tipo amostragem para praticamente todos

3.2 O contexto do parque industrial japonês

Na metade da década de 1970 a indústria japonesa tornou-se uma expressiva exportadora nos seguintes setores: eletrônico, automobilístico, têxtil e calçadista. Com esta mudança, Tokyo transformou-se num dos mais importantes centros financeiros mundiais, superando Nova York pela primeira vez em 1987 em função da grande quantidade de fundos excedentes controlados pelos bancos japoneses, que tomaram o lugar dos bancos norte-americanos (HARVEY, 1994, p. 156-7).

O grupo "periférico" é formado por dois subgrupos. O primeiro subgrupo consiste em empregados em tempo integral com habilidades disponíveis facilmente no mercado (secretárias, setor financeiro e trabalho manual menos especializado), os quais possuem alta rotatividade, enquanto o segundo oferece maior flexibilidade e abrange empregados em tempo parcial, empregados casuais, contratados temporários, subcontratados, cuja segurança de emprego é menor que a do primeiro.

utilização do trabalho em tempo parcial, temporário ou subcontratado, os quais são trabalhadores "periféricos", flexíveis (HARVEY, 1994, p.143).

os produtos da linha de produção, para conquistar o público alvo e assim, compensar a produção em menor escala.

Com a utilização do sistema de acumulação flexível, no pós-guerra, ocorreu no país do Sol Nascente um maciço investimento na educação e, desta forma, uma maior qualificação do funcionário. Ocorrida esta maior qualificação, o Japão possui uma grande oferta de emprego para setores que não exigem qualificação e os japoneses não desejavam realizar (posto que almejam as grandes e prestigiadas empresas, com emprego "vitalício", bem como *status social*) (SILVER, 2005). Por ser em pequenas e médias empresas (pois as grandes empresas já terceirizavam parte da produção, fazendo encomendas para concentrar-se em outras etapas), sem muitas oportunidades de ascensão na carreira em funções denominadas preconceituosamente pelos próprios nipônicos como 3K: *Kitanai* (551) – Sujo), *Kiken* (危険 – Perigoso), *Kitsui* (きつい – Penoso). *A priori*, quem inicia exercendo estes cargos são os chineses, coreanos, filipinos (estrangeiros que moram no Japão em caráter permanente com a autorização do governo após a Segunda Guerra Mundial), por não serem considerados cidadãos japoneses plenos pela legislação. Mesmo assim, inexistia um "exército de reserva" para tais empregos, posto que a população envelhece e a taxa de natalidade no Japão é baixa (1,25 filhos por mulher em 2006, cf. ipcdigital) e também a especialização para empregos com maior qualificação.

Na década de 1980, a intensa escassez obrigou os empresários japoneses a exigirem mudanças na política de imigração e a procurar trabalhadores no exterior, causando um crescimento da imigração ilegal. Muitos estrangeiros entravam no país como turistas e permaneciam clandestinamente. Os principais grupos de imigrantes ilegais eram provenientes dos seguintes países: Coreia, Rússia, China, Filipinas, Ira. Os homens eram direcionados para o setor manufatureiro ou de construção civil, enquanto as mulheres para a "indústria do sexo". Ocorreu a migração do *Nikkeijin* latino-americano para exercer serviços dos 3K nas fábricas japonesas, com um crescente fluxo a partir de 1984.

3.3 A década perdida na América Latina e a motivação *Nikkei*

Na década de 1980 eram evidentes as sequelas da crise do petróleo no Brasil: diminuição de investimentos internacionais no país; o crescente aumento da dívida externa; a desvalorização mundial das matérias-primas para exportação; inflação e juros elevados (acima de 80% por mês exceto o Plano Cruzado de 1986/1987); diminuição do poder aquisitivo dos trabalhadores e, concomitantemente, o processo de redemocratização no âmbito político. Estes fatores expressaram-se na desaceleração econômica interna, em movimentos sociais, no desemprego e, a partir de metade dos anos 1980, em crescentes migrações de brasileiros para o exterior.

As políticas de ajuste econômico causaram a adoção de medidas, sobretudo de caráter neoliberal, em uma evidente tendência de ajustar o país na economia global. As exigências do Fundo Monetário Internacional (FMI) aos governantes de países de terceiro mundo vão do enxugamento da máquina estatal, redução nas importações e incentivos à exportação até a diminuição de investimentos em áreas sociais (saúde, educação). O agravamento da crise econômica e as promessas políticas não realizadas, mesmo com a redemocratização, causou a busca de soluções individuais por parte das classes média e inferiores, mesmo que temporárias, para o crescente achatamento do nível financeiro. Esta conjuntura colaborou para a expulsão de brasileiros (e latino-americanos em geral) de sua pátria, à procura de alternativas para sobreviver ou superar as dificuldades e engrossando o movimento migratório internacional, com os seguintes destinos: Estados Unidos, Europa, Paraguai e Japão. Desde esta época aumenta o volume de brasileiros que migram (KAWAMURA, 1999). Em 2008, calcula-se que o número de brasileiros no exterior esteja acima de três milhões, dentre trabalhadores e estudantes legais e migrantes ilegais (SASAKI, 2009).

Com a conjuntura brasileira, e o Japão necessitando de mão-de-obra, o *Nikkei* enxergou na terra originária de seus ancestrais uma oportunidade de ascensão social e com aparentes menores dificuldades, pelo fato de serem *issei*²³ ou *nissei*²⁴. Este é o *Dekassegui*, o nipo-brasileiro que pretende trabalhar na terra de

²³ *Isssei* (一世) – Japoneses que migraram para outro país, primeira geração.
²⁴ *Nissei* (二世) – Filhos de japoneses migrantes, segunda geração.

seus antepassados e com a pretensão de uma estada temporária e curta no Japão. Para um controle mais rígido na migração para o Japão, foi promulgada a nova Lei de Imigração em 1990²⁵, permitindo até os *sansei*²⁶ terem um trânsito mais facilitado por sua origem étnica, nacional e consanguinidade, podendo exercer atividades remuneradas no território nipônico sem restrição alguma e pedir visto permanente. Mesmo com o esforço da nova lei migratória, poucos empregadores foram penalizados. Porém, esta medida causou falta de força de trabalho, tanto nas pequenas quanto nas grandes empresas, substituindo de maneira progressiva os trabalhadores ilegais por trabalhadores descendentes de japoneses (*Nikkeijin*) da América Latina. Os japoneses consideraram como melhor saída, pois, eram da mesma origem, e, em teoria, não haveria choque cultural, além de manter a homogeneidade étnica do país, como também uma medida de baixo custo, bem como formou um novo vínculo entre os dois países.

O termo *Dekassegui* (出稼ぎ), como aponta BELTRÃO e SUGAHARA (2006), é formado por dois ideogramas (*Kanji*): *Deru* (出る - sair) e *Kassegu* (稼ぐ - trabalhar para ganhar a vida), aplicável a qualquer pessoa que deixa sua terra natal para trabalhar. Tal hábito era comum para o trabalhador sazonal no Japão, morador do norte, que, no inverno, procurava trabalho mais ao sul. Entretanto, este termo se refere atualmente aos trabalhadores estrangeiros temporários que estão lá para ganhar dinheiro (exceto os expatriados – empregados em firmas estrangeiras).

No Brasil a formulação *Dekassegui* ganhou um contorno mais específico e diz respeito aos brasileiros com origem nipônica que vão ao Japão em busca de trabalho, o chamado “fenômeno *Dekassegui*”. O *Dekassegui* é o nipo-brasileiro que, na sua visão, está com problemas financeiros e migra para terra de seus familiares, procurando acumulação de capital e, desta forma, concretizar seu sonho (compra de imóvel, abrir o próprio negócio).

²⁵ A Lei de Imigração de 1990 restringe com maior rigor a entrada de chineses, coreanos, filipinos, russos, tailandeses, vietnamitas e iranianos, apesar de auxiliar os *Nikkeis* brasileiros, argentinos, peruanos, bolivianos, paraguaios e chilenos de primeira (*issei*), segunda (*nissei*) a terceira gerações (*sansei*).

²⁶ *Sansei* (三世) – Netos de japoneses migrantes, terceira geração.

3.4 O *Giseiteki Seishin* e os obstáculos encontrados

3.4.1 Quanto à conjuntura brasileira e a rotina de trabalho no Japão

Ao fugir da inflação galopante brasileira e desemprego, o *Nikkeijin* embarcou para o Japão em busca da realização de seus sonhos. Em muitos casos, entretanto, esqueceu de um importante detalhe: o domínio parcial ou nulo do *Nihongo*²⁷, pois, apesar de não ser necessário para as funções do serviço (com avisos sonoros ou visuais de diferentes cores de luz), é essencial em situações como compra de alimento, informações, atendimento em saúde, locomoção e afins. Com a maciça presença de estrangeiros, em geral, na condição de *Dekassegui*, *a posteriori* (a partir de 2003 aproximadamente), há também avisos em inglês e em português nas linhas de produção, para diminuir as barreiras na comunicação.

Os agentes intermediários são uma peça fundamental, porque, através deles é que muitos vão para o Japão com emprego e moradia garantidos. Os informantes: Carlos (42)²⁸, ocidental, natural da região de Londrina, casado com Daniela (41), filha de japoneses, moraram por 2 anos e 6 meses (de 1997 a 2000) na província de Tochigi. Carlos era empresário, porém, com a crise de 1997 falhou. Ele e sua esposa foram com contrato firmado através de empreiteira brasileira, deixando seus filhos Paulo (11) e Adriana (9) aos cuidados da família no Brasil. Carlos diz: "*Para mim, saber que eu ia para o Japão com emprego e moradia já garantidos, era um grande alívio*". Basicamente funciona da seguinte forma: as grandes empresas necessitam de mão-de-obra barata para sua linha de produção, ou terceiriza e faz a encomenda para as pequenas fábricas. Neste momento, emprega quem possui convênio com alguma empreiteira japonesa, para possuir alguma "garantia" da qualidade do funcionário e alguém assuma a responsabilidade das atitudes deste. As empreiteiras japonesas, por sua vez, realizam contatos com agências de turismo e/ou empreiteiras brasileiras, peruanas, bolivianas, recebendo comissões por quantidade de *Dekassegui* enviados, as quais possuem um lucro exorbitante. Se as remessas de dinheiro para o Brasil de trabalhadores brasileiros no Japão é de US\$ 1 bilhão anuais, as empreiteiras acumulam um valor ainda maior. Elas costumam anunciar as

²⁷ *Nihongo* (日本語) – idioma japonês.

²⁸ Os nomes utilizados nas entrevistas são fictícios para preservar a verdadeira identidade.

oportunidades de emprego em jornais (Tudo Bem, Folha Mundial, International Press Co.) publicados em língua portuguesa no Japão para o público nipo-brasileiro, com circulação nos dois países.

Sob o prisma do informante Juzo, o qual foi um recrutador de *Dekassegui* para uma empreiteira no período de 1987 a 1992, enquanto morava em São Paulo, relata: "Noventa por cento dos que eu envie para o Japão não entendia *Nihongo*, a maioria era da roça, muitos tinham só o primário e, no começo, só ia homem e quem era descendente direto, não podia ir esposa brasileira". Juzo conta, orgulhoso, que muitos enviados por ele alcançaram seus objetivos num ano ou em menos tempo. "Muitos procuravam o *yakin*²⁹ para juntar dinheiro em menos tempo. Tive quem foi para juntar 30 mil dólares em um ano e conseguiu em nove meses".

A maior parte dos recrutados eram enviados à Nissan e Hitachi. Houve partes que a empreiteira japonesa não cumpria no acordo firmado do recrutamento, por exemplo, a retenção do passaporte até o contrato ser cumprido, alojamento e refeições descontados do salário quando o acordo era o contrário. Para resolver esses desacordos, Juzo viajava para o Japão e ficava em média uma semana e, posteriormente, retornava para o Brasil. Para Juzo, o brasileiro "quer moleza" e, no Japão, o operário vira um "robô" e, mesmo o trabalho sendo sujo, perigoso e penoso (como foi falado dos 3K), afirma de quem foi e incorporou o sistema japonês, hoje se encontra em um bom nível de vida e não retornou para o Brasil. "Na época os brasileiros acatavam as leis japonesas; não havia bairros só de brasileiros. Mesmo eles tendo fama de preguiçosos e de trabalhar pouco, preferiam os brasileiros porque diziam dos peruanos serem piores, por possuir atitudes violentas e vingativas". O discurso de um ex-recrutador como Juzo vem de encontro ao que ROTH (2005) expõe, ao falar da mudança de *status* do *Nikkeijin*, de um grupo preferido para estigmatizado, passando a ser visto como trabalhador irresponsável, sem lealdade à empresa (pela constante mudança de emprego quando apareciam melhores condições de trabalho e salário maior. Por esta razão algumas empresas tinham o hábito da retenção de passaporte, para o cumprimento do contrato).

²⁹ "Yakin" é o termo utilizado para os trabalhos que se costumam varar a noite e é costume pagar acima do valor tradicional por hora de serviço. Se a média salarial do homem até as 22h é de US\$12 a hora, no *Yakin* passa para US\$14.

Para exemplificar os tipos de serviço denominados de 3K (que os brasileiros

acrescentaram mais 2K: *Kibishii* (厳しい – exigente) e *Kirai* (嫌い – detestável) podemos citar: *Kensa* (controle de qualidade); confeitarias industriais; produtos de borracha (correia de carro, componentes de impressora, fax); montagem de telefone celular; passar roupas em confecções; prensa; perfuração; solda; lixamento; reparo de peças para veículos; serviços de abastecimento; encaixotamento; corte e colagem de vidro, dentre outros. Em sua maioria, estes serviços não exigem qualificação prévia. Shinji (23) e Hikari (25), que fizeram *Arubaito*³⁰ de três meses (fins de 2006 ao começo de 2007) na província de Yamanashi numa confeitaria industrial, para, segundo eles, ganhar experiência e conhecer um pouco do Japão.

Tanto Shinji e Hikari quanto Carlos e Daniela revelam que a rotina do serviço não era fácil, porque necessitava de adaptação corporal (por trabalhar no mínimo 12 horas diárias e em pé, com postura errada pela diferença de estatura). As regras rígidas era de não permitir conversa durante o horário de serviço. Neste regime de trabalho, somente há dois momentos de intervalo: uma hora para comer e 15 minutos para fumar. As folgas são uma vez por semana em escala. Mas, Carlos e Daniela, pelo fato de morarem um maior período no Japão se lembram de haver três feriados no ano, totalizando uma semana (para os trabalhadores estrangeiros). Os feriados são: a florada da cerejeira no final de março; o "Obon" (Finados) de 13 a 15 de agosto; além do *Shogatsu*, comemorado nos três primeiros dias de janeiro. De um a três dias por ano, as fábricas fecham para economia de energia elétrica.

Além da jornada prevista pelo contrato, o *Dekassegui* procura sempre, quando possível, realizar hora extra (*zangyo*). Não é algo muito fácil de conseguir logo no início, porquanto é necessário conquistar a confiança do chefe do seu setor. Shinji diz: "No começo era difícil conseguir *zangyo*. Com o tempo acho que o pessoal vai te conhecendo, adquirindo confiança... aí fica mais fácil". Já na visão de Hikari: "É mais por sorte eu acho. É, que depois com o tempo, a gente vai aprendendo a caçar hora extra. Você vai aprendendo que pode ir na outra linha e

³⁰ *Arubaito* (アルバイト) vem do alemão "Arbeiten", que significa "Trabalhar". No Japão o termo ganha um contorno específico para definir os trabalhos em caráter temporário, um "bico", com duração de três a seis meses. Era um jargão utilizado entre os alunos da Era Meiji e disseminou-se para as demais camadas da população. Em inglês, trabalho temporário (*part-time job*) e trabalho paralelo (*side job*), etc. *Arbei* é denominado para trabalhadores em geral, sendo que o significado para a palavra *Arubaito* em japonês é trabalho (*job*) que veio do inglês. É um conceito único do Japão, mas não quer dizer que não exista conceitos de emprego "fulltime" e "part-time", ou seja, tempo empregatício determinado e não determinado em outros países. Tradução: Goro Kodama.

pedir pro chefe e ficar lá, pra ajudar. Ai talvez ele deixe. Ai talvez que você consiga hora extra, através da observação da rotina". Por causa do trabalho excessivo, há casos reportados no Japão do que denominam *Karoshi*³¹, pelo esgotamento corporal, acompanhado de maior incidência de doenças (úlcera, gastrite, hipertensão, solidão).

3.4.2 Quanto à mudança de rotina no cotidiano e a diferença de Japão

Caso não bastasse a rotina do trabalho, também pesam as adequações pelas noções de espaço e lar para o *Dekassegui*. Como Shinji e Hikari revelaram na entrevista, um apartamento alugado pela empreiteira pode ser habitado por mais de oito pessoas em uma área menor de 40m². Os *Dekassegui* da década de 1980 possuíam dificuldades ainda maiores: banheiro, cozinha e lavanderia coletivos. Por ser incomum no Japão a utilização de uma cama como é conhecido no Ocidente, dorme-se sobre o chão (*tatami* – 畳) com o *futon*³², não é necessário um grande espaço para moradia quando se trata de caráter temporário. Quando o imóvel é da empreiteira e há algum tipo de mobília ou mesmo o *futon*, é cobrado um valor adicional no aluguel. Quanto à aquisição de móveis, os brasileiros, em geral, compram usados devido a seu valor baixo. São presentes regulamentos quanto ao volume (de som), realização de festas, entrada e saída de visitas. Era habitual a coleta seletiva na década de 1990 (quando no Brasil esta preocupação se firma nos anos 2000). Quem não segue as regras, destoa dos hábitos nipônicos, gerando tensões de ambos os lados. Os japoneses consideram os brasileiros como vizinhos barulhentos, arruaceiros, desrespeitosos e individualistas. Já os brasileiros consideram os japoneses frios e se importam mais com as regras ao invés do bem-estar das pessoas. Com o tempo e a maior presença de brasileiros, em cidades como Nagoya (na província de Aichi) e Hamamatsu (a cidade com a maior concentração de nipo-brasileiros, localizada em Shizuoka), há bairros em que moram apenas os brasileiros, fechando-se em guetos e vivendo o máximo possível apenas com seus co-cidadãos.

³¹ *Karoshi* (過労死) – Morte por excesso de trabalho.

³² *Futon* (布団) – É um tipo de colchão usado na cama tradicional japonesa. Os *futons* japoneses são baixos, com cerca de cinco centímetros de altura e têm no interior algodão ou material sintético.

³⁵ O *Kanji* (漢字) é o alfabeto com caracteres de origem chinesa. Da época da Dinastia Han, que se utilizam para escrever japonês junto com os silabários *katakana* e *hiragana*. Quando se refere ao conjunto de silabários *hiragana* e *katakana* se refere como *kana*.

³⁴ O *Katakana* (片仮名) é um dos silabários empregados na escrita japonesa junto com o *hiragana*. ³³ O *Hiragana* (平仮名) é um dos alfabetos silábicos (silabário) da língua japonesa. É usado para todas as palavras para as quais não existe *kanji*, ou este exista, mas seja muito raro (cujo receptor da mensagem poderá não conhecer), e terminações dos verbos e adjetivos. Quando é usado para escrever a pronúncia literal de um *kanji* e assim garantir o entendimento do leitor é chamado *furigana* ao invés de *hiragana*.

leitura do japonês enquanto ela possui afinidade apenas com a parte oral. e Daniela é notado um trabalho em equipe, pois ele tem maior domínio na escrita e utilizar somente o inglês, apesar de não o falar de forma fluente. No caso de Carlos conhecimento do alfabeto principal, o *Kanji*³⁵. Ambos narraram quando foram a Tokyo alfabetos mais simples, o *Hiragana*³³ e o *Katakana*³⁴, porque têm pouco *Nihongo*. Shinji e Hikari dizem que "se viraram" na conversação, e utilizaram os dois Como foi citado por Juzo, poucos dos que vão trabalhar no Japão dominam o cobrir a sua ausência realizando mais *zangyo*.

"enxergam-no" como uma ameaça, podendo ele perder o emprego e a outra pessoa comportamento chega num ponto em que, quando o seu colega "aparece" mais, espaçoso e sem ser o de empreiteira, pode comprar um carro melhor. Este isso, adquire um maior poder aquisitivo para pagar aluguel de um imóvel mais os demais, pois, em teoria, alcançaria seus objetivos de maneira mais rápida. Com por ser mais competente, ou ainda, se consegue *zangyo* com maior facilidade que a questão de inveja entre os brasileiros no serviço ocorre quando colega se destaca cinco. *Os demais a gente tinha só um tratamento superficial*. Para os entrevistados, *brasileiros como no meu serviço, depois de um tempo, me relacionava bem só com melhor, os outros não te tratam mais da mesma forma. Num ambiente com 140, 150 sim porque precisa de dinheiro. Então se a pessoa parece mais feliz, está vivendo pessoa pareça mais feliz. "Quando se vai para o Japão, não é porque queria, mas pelos seus contêrneos, porém, com o tempo, há um sentimento de inveja, caso a brasileiros, Carlos e Daniela dizem que, no início, as pessoas são bem recebidas conhece mais, porque não atende mais os seus interesses. Mesmo entre os enquanto ela está sob suas ordens. Depois, caso troque de setor, finge que não a "interessado, frio e calculista", pois, para os superiores, a pessoa é importante comportamento no dia-a-dia do *Dekassegui*. Juzo afirma de o japonês ser O convívio com os colegas de trabalho também influenciam no*

Em casos que migram a família inteira para o território nipônico, as crianças quando pequenas conseguem ser matriculadas em escolas japonesas, por se encontrarem em idade de alfabetização. Do contrário, é necessário que passem a estudar em escolas particulares brasileiras ou estado-unidenses, as quais possuem um alto valor na mensalidade, o que causa de muitas delas ficarem sem estudo e trabalho. Pela legislação japonesa, só é permitido trabalhar a partir dos 14 anos. Alguns meios de comunicação japoneses (jornais impressos, noticiários televisivos) são entânicos ao mostrar crimes cometidos por jovens brasileiros em idade escolar, de pequenos furtos a homicídios.

Quando desembarca no Japão, para o *Nikkeijin*, a adaptação seria rápida, fácil, sem problemas, da mesma forma como os nipônicos pensavam. Entretanto, há uma diferença evidente do que o *Dekassegui* enxerga em "ser japonês" ao viver em colônia e preservar os hábitos tradicionais e ensinamentos familiares quando comparado com a realidade japonesa. Para muitos, o Japão era uma terra ainda intocada nos seus hábitos, preservando o pensamento da época em que seus familiares chegaram ao país (Era Meiji, Era Taishō e décadas iniciais da Era Shōwa)³⁶. Então, para o *Nikkei* que é chamado de "japonês" no Brasil; quando chega ao Japão, passa a perceber no cotidiano as diferenças, e, neste longínquo país, é visto como "brasileiro", entrando numa crise identitária. Neste momento, há uma "diferença de Japão" quanto ao ambiente e convívio, pois, o que o *Dekassegui* pensa "ser japonês" é visto para o nipônico como algo errôneo e, muitas vezes, grosseiro, pois não conhece os verdadeiros hábitos da sociedade japonesa atual, remontando costumes abandonados décadas atrás e desconhecidos pelos próprios nipônicos em muitos casos. Mesmo que o *Koseki Shōmei*³⁷ comprove sua origem, o *Nikkei* possui somente esta ligação com o Japão e a ideia relatada por seus familiares com saudosismo, não sendo um *Nihonjin* como costumava afirmar no Brasil, além dos nipônicos o rotular como um *Gaijin*, como fazia no Brasil com os ocidentais. Enquanto provam do deslocamento espacial, social e simbólico, a percepção do tempo mudou de forma drástica, quando comparados o início e o final

³⁶ O calendário japonês na era moderna é dividido da seguinte maneira: Era Meiji (明治): de 1868 a

1911; Taishō (大正): de 1912 a 1926; Shōwa (昭和): de 1926 a 1989 e Heisei (平成): de 1989 até hoje.
³⁷ O *Koseki Shōmei* (戸籍証明) é o sistema de registro familiar, no qual importa a família e não cada indivíduo, equivalendo a censo, certidões (nascimento, casamento, divórcio, óbito) e afins.

do século XX, bem como o começo do século XXI, sendo assim a denominada compreensão de espaço e tempo (SASAKI, 2006; HARVEY, 1994). Enquanto isso, os brasileiros descendentes de japoneses transitam entre esses dois espaços geográficos, sociais, culturais e simbólicos, havendo um novo aprendizado e experiência de vida com esta nova realidade.

4. A Institucionalização da Presença Brasileira no Japão e o seu Rumo

Com a Crise

4.1 Critérios utilizados para contabilização de estrangeiros no Japão após a

Segunda Guerra Mundial

A expansão territorial japonesa tornou a Coreia parte do império nipônico. A população coreana no Japão cresceu conforme os trabalhadores recrutados foram enviados forçosamente para esse país ao longo dos últimos anos no Império Colonial. Com a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, a população coreana chegou a um número próximo de dois milhões.

A partir da derrota na guerra, veio mais uma vez a necessidade em afirmar quem é o "Eu" (japonês) e o "Outro" (estrangeiro). Em 1952, com o fim da ocupação das tropas norte-americanas, o Japão passou a ser considerado um país livre; os coreanos, chineses e taiwaneses eram novamente classificados como estrangeiros. A contabilização destes é realizada pela Associação de Imigração do Japão, órgão do Ministério da Justiça do Japão, denominada de "Estatística sobre os Estrangeiros Residentes no Japão"³⁸. Todos os estrangeiros cuja permanência exceda 90 dias têm de entrar neste quadro estatístico e expõe a tendência básica do fluxo migratório legal no país. O problema neste quadro estatístico é que não são contabilizados: os japoneses que migraram para outro local e retornaram, bem possuem dupla nacionalidade (*issei*) e não são considerados estrangeiros, bem como os imigrantes ilegais com os vistos expirados – *overstayers* – e representam a maior parte dos estrangeiros indocumentados (SASAKI, 2009).

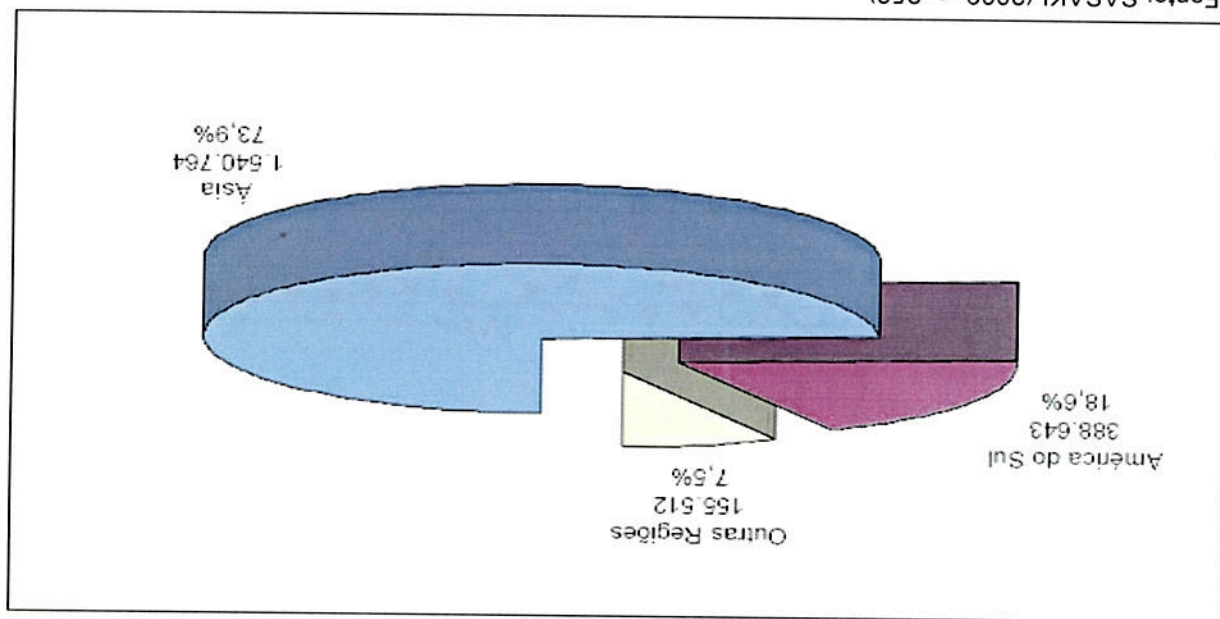
4.2 O crescimento da população estrangeira com números significativos

Com o crescimento econômico do Japão no panorama regional e internacional e falta de mão-de-obra contribuíram para que empresas japonesas recrutassem coreanos, chineses, indonésios e filipinos para trabalhar, alegando entrada na condição de *trainee* (estagiário universitário) em sua área específica de estudo. A verdade, todavia, é de muitos destes supostos *trainees* trabalharem em

³⁸ Zairyū Gaikokujin Tōkei (在留外国人統計).

firmas nipônicas como mão-de-obra não qualificada, pois o valor pago pelo estágio não é o suficiente para custear alimentação, transporte e moradia. Desta forma, os imigrantes asiáticos permanecem de maneira legal, mas sem exercer o que é posto em seu visto *a priori*. Logo, o número de estrangeiros no Japão cresce de maneira vertiginosa, a maior parte formada por asiáticos, apontado pelo Gráfico 1.

Gráfico 1 – Estrangeiros no Japão por Macrorregião de Procedência em 2006



Fonte: SASAKI (2009, p. 256).

Entretanto, o número com crescimento expressivo foi o do *Nikkeijin* latino-americano, em especial, o brasileiro. Em 1985, o número absoluto de brasileiros no Japão era apenas 1.955 pessoas, enquanto que em 2007 atingiu a marca de 316.967 pessoas segundo pesquisas do Japan Immigration Association realizada em 2008.

A partir do Gráfico 2 torna-se evidente da migração para o Japão estar conectada diretamente com a situação econômica tanto brasileira quanto japonesa. Em 1990 a taxa de crescimento anual migratória chega próxima dos 300% por causa da inflação e juros galopantes no Brasil no Plano Collor, enquanto o Japão possuía uma demanda por mão-de-obra e um alto índice de exportação industrial. Em 1998 o crescimento migratório alcança pela primeira vez um número negativo (quase -5%), com a estabilidade alcançada no Plano Real e o país do Sol Nascente sofria um processo de reestruturação fabril. Quando se viu uma possibilidade maior de ascensão social no Brasil com o novo rumo econômico, houve simultaneamente a queda do movimento migratório quando comparados aos anos de 1997 e 1998, devido ao fato do Real (R\$) encontrar-se em proporção igual ao Dólar (US\$).

Fonte: SASAKI (2009, p. 273).

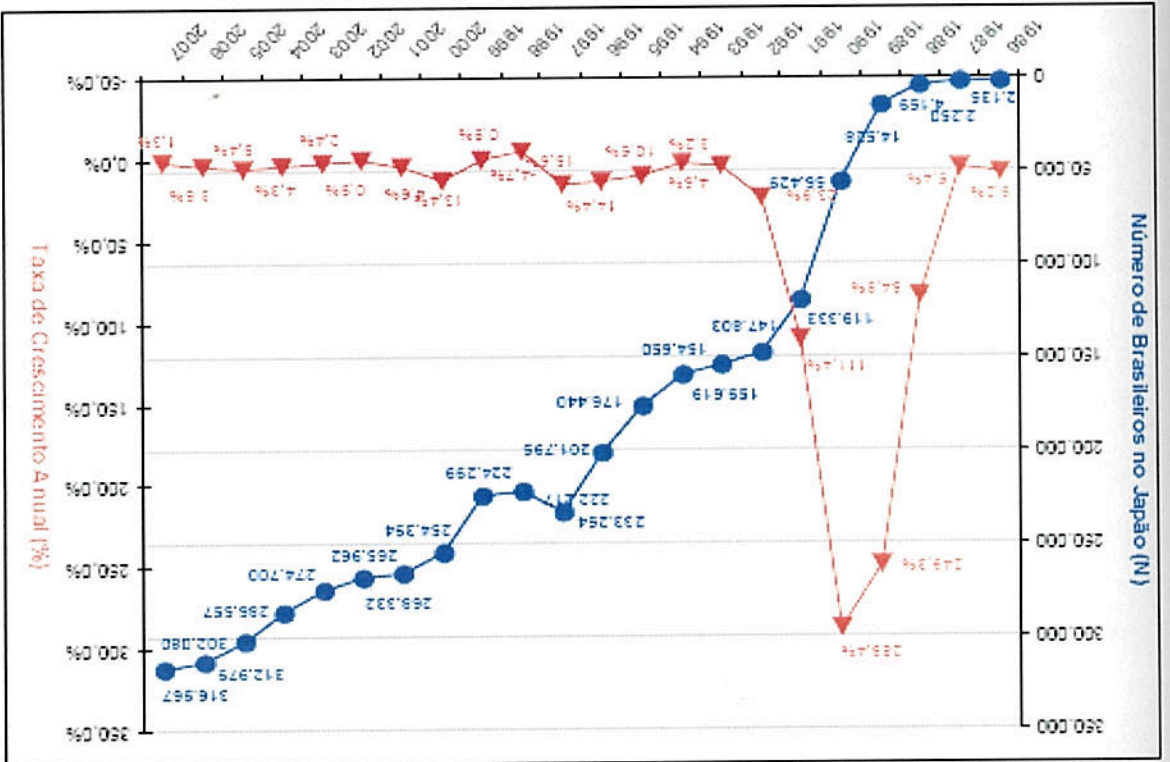


Gráfico 2 - Brasileiros no Japão e sua Taxa de Crescimento Anual (%)

Apesar da cidade de Hamamatsu ser a que possui a maior concentração de brasileiros, a província a qual pertence (Shizuoka) fica em segundo lugar, atrás da província de Aichi, que se localizam as cidades de Nagoya, Toyota, Toyohashi, dentre outras, como é apontado na Tabela 2.

Fonte: SASAKI (2009, p. 296). OBS: [N] = Número absoluto; [%] = Porcentagem; e [R] = Ranking (Classificação da província por maior contingência de população brasileira, por ano).

Província	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Aichi	N: 27.545 R: 10 %: 17,3%	N: 29.787 R: 10 %: 16,9%	N: 36.392 R: 10 %: 18,0%	N: 42.917 R: 10 %: 18,4%	N: 40.873 R: 10 %: 18,4%	N: 41.241 R: 10 %: 18,4%	N: 47.661 R: 10 %: 18,7%	N: 51.546 R: 10 %: 19,4%	N: 54.081 R: 10 %: 20,2%	N: 57.336 R: 10 %: 20,9%	N: 63.335 R: 10 %: 22,1%	N: 71.004 R: 10 %: 23,6%	N: 78.297 R: 10 %: 24,4%
Shizuoka	N: 22.571 R: 11 %: 14,1%	N: 25.012 R: 11 %: 14,2%	N: 28.305 R: 11 %: 14,0%	N: 32.202 R: 11 %: 13,8%	N: 31.329 R: 11 %: 14,1%	N: 31.974 R: 11 %: 14,3%	N: 36.959 R: 11 %: 14,8%	N: 39.409 R: 11 %: 15,3%	N: 41.039 R: 11 %: 15,3%	N: 41.489 R: 11 %: 15,4%	N: 44.248 R: 11 %: 16,1%	N: 48.586 R: 11 %: 16,4%	N: 51.250 R: 11 %: 16,4%
Shizuoka	N: 13.434 R: 12 %: 8,4%	N: 13.968 R: 12 %: 7,9%	N: 14.386 R: 12 %: 7,1%	N: 15.434 R: 12 %: 6,6%	N: 13.155 R: 12 %: 5,9%	N: 12.184 R: 12 %: 5,4%	N: 12.295 R: 12 %: 4,8%	N: 13.660 R: 12 %: 5,1%	N: 13.794 R: 12 %: 5,1%	N: 13.837 R: 12 %: 5,0%	N: 13.660 R: 12 %: 4,8%	N: 13.859 R: 12 %: 4,6%	N: 13.933 R: 12 %: 4,5%
Kanagawa	N: 10.160 R: 13 %: 6,4%	N: 10.804 R: 13 %: 6,1%	N: 11.500 R: 13 %: 5,7%	N: 12.226 R: 13 %: 5,2%	N: 11.532 R: 13 %: 5,0%	N: 11.202 R: 13 %: 5,0%	N: 12.831 R: 13 %: 5,3%	N: 14.088 R: 13 %: 5,1%	N: 13.768 R: 13 %: 5,1%	N: 13.932 R: 13 %: 5,0%	N: 14.030 R: 13 %: 4,9%	N: 13.694 R: 13 %: 4,5%	N: 13.728 R: 13 %: 4,4%
Saitama	N: 8.941 R: 14 %: 5,6%	N: 10.305 R: 14 %: 5,8%	N: 11.501 R: 14 %: 5,7%	N: 13.138 R: 14 %: 6,0%	N: 13.317 R: 14 %: 5,9%	N: 13.317 R: 14 %: 5,9%	N: 16.325 R: 14 %: 6,0%	N: 16.239 R: 14 %: 6,1%	N: 16.836 R: 14 %: 5,8%	N: 15.756 R: 14 %: 5,7%	N: 16.456 R: 14 %: 5,7%	N: 16.934 R: 14 %: 5,6%	N: 17.101 R: 14 %: 5,5%
Gunma	N: 7.096 R: 15 %: 4,4%	N: 8.073 R: 15 %: 4,6%	N: 9.829 R: 15 %: 4,9%	N: 11.818 R: 15 %: 5,1%	N: 11.202 R: 15 %: 5,0%	N: 11.619 R: 15 %: 5,2%	N: 14.809 R: 15 %: 5,8%	N: 14.925 R: 15 %: 5,6%	N: 15.138 R: 15 %: 5,6%	N: 16.449 R: 15 %: 6,0%	N: 17.596 R: 15 %: 6,1%	N: 19.152 R: 15 %: 6,3%	N: 20.466 R: 15 %: 6,5%
Gifu	N: 6.579 R: 16 %: 4,1%	N: 9.633 R: 16 %: 5,5%	N: 11.197 R: 16 %: 5,5%	N: 14.676 R: 16 %: 6,3%	N: 14.670 R: 16 %: 6,6%	N: 16.367 R: 16 %: 7,3%	N: 19.445 R: 16 %: 7,8%	N: 17.830 R: 16 %: 6,7%	N: 17.537 R: 16 %: 6,5%	N: 17.898 R: 16 %: 6,5%	N: 17.758 R: 16 %: 6,2%	N: 16.925 R: 16 %: 5,6%	N: 16.696 R: 16 %: 5,3%
Nagano	N: 6.224 R: 17 %: 3,9%	N: 7.086 R: 17 %: 4,0%	N: 9.776 R: 17 %: 4,8%	N: 12.433 R: 17 %: 5,3%	N: 12.903 R: 17 %: 5,8%	N: 13.453 R: 17 %: 6,0%	N: 15.358 R: 17 %: 6,3%	N: 16.737 R: 17 %: 6,3%	N: 17.012 R: 17 %: 6,4%	N: 17.619 R: 17 %: 6,4%	N: 18.157 R: 17 %: 6,3%	N: 20.133 R: 17 %: 6,7%	N: 21.206 R: 17 %: 6,8%
Mie	N: 5.994 R: 18 %: 3,8%	N: 7.036 R: 18 %: 4,0%	N: 7.784 R: 18 %: 3,9%	N: 9.216 R: 18 %: 4,0%	N: 8.933 R: 18 %: 4,0%	N: 9.454 R: 18 %: 4,2%	N: 10.803 R: 18 %: 4,1%	N: 10.974 R: 18 %: 4,1%	N: 10.950 R: 18 %: 4,0%	N: 10.940 R: 18 %: 4,0%	N: 11.259 R: 18 %: 3,9%	N: 10.839 R: 18 %: 3,6%	N: 10.926 R: 18 %: 3,5%
Ibaraki	N: 5.900 R: 19 %: 3,7%	N: 6.418 R: 19 %: 3,6%	N: 7.769 R: 19 %: 3,9%	N: 8.757 R: 19 %: 3,8%	N: 8.094 R: 19 %: 3,6%	N: 7.565 R: 19 %: 3,4%	N: 8.315 R: 19 %: 3,2%	N: 8.624 R: 19 %: 3,2%	N: 8.520 R: 19 %: 3,2%	N: 8.754 R: 19 %: 3,2%	N: 8.545 R: 19 %: 3,0%	N: 8.513 R: 19 %: 2,8%	N: 8.425 R: 19 %: 2,7%
Tochigi	N: 5.199 R: 20 %: 3,3%	N: 6.054 R: 20 %: 3,4%	N: 7.004 R: 20 %: 3,5%	N: 8.407 R: 20 %: 3,6%	N: 8.322 R: 20 %: 3,7%	N: 8.841 R: 20 %: 3,9%	N: 10.125 R: 20 %: 4,0%	N: 10.182 R: 20 %: 4,0%	N: 10.794 R: 20 %: 4,0%	N: 10.995 R: 20 %: 4,2%	N: 12.128 R: 20 %: 4,5%	N: 13.595 R: 20 %: 4,5%	N: 13.660 R: 20 %: 4,5%
Saga	N: 4.976 R: 21 %: 3,3%	N: 5.123 R: 21 %: 3,3%	N: 5.236 R: 21 %: 3,3%	N: 5.236 R: 21 %: 3,3%	N: 5.236 R: 21 %: 3,3%	N: 5.236 R: 21 %: 3,3%	N: 5.236 R: 21 %: 3,3%	N: 5.236 R: 21 %: 3,3%	N: 5.236 R: 21 %: 3,3%	N: 5.236 R: 21 %: 3,3%	N: 5.236 R: 21 %: 3,3%	N: 5.236 R: 21 %: 3,3%	N: 5.236 R: 21 %: 3,3%
Outras	N: 39.976 R: 22 %: 25,0%	N: 42.274 R: 22 %: 24,0%	N: 46.262 R: 22 %: 23,0%	N: 48.666 R: 22 %: 21,6%	N: 47.092 R: 22 %: 21,0%	N: 51.068 R: 22 %: 20,1%	N: 51.758 R: 22 %: 19,5%	N: 50.053 R: 22 %: 18,7%	N: 49.696 R: 22 %: 18,7%	N: 49.186 R: 22 %: 17,2%	N: 48.846 R: 22 %: 16,2%	N: 48.991 R: 22 %: 15,7%	N: 49.991 R: 22 %: 15,7%
Total	N: 159.619 R: 23 %: 100,0%	N: 176.440 R: 23 %: 100,0%	N: 201.795 R: 23 %: 100,0%	N: 233.254 R: 23 %: 100,0%	N: 222.217 R: 23 %: 100,0%	N: 254.394 R: 23 %: 100,0%	N: 265.962 R: 23 %: 100,0%	N: 268.332 R: 23 %: 100,0%	N: 274.700 R: 23 %: 100,0%	N: 286.557 R: 23 %: 100,0%	N: 302.080 R: 23 %: 100,0%	N: 312.979 R: 23 %: 100,0%	N: 312.979 R: 23 %: 100,0%

Tabela 1 – Brasileiros por Principais Províncias do Japão (1994 a 2006)

Tabela 2 – Principais Cidades Japonesas com Maior Contingente Brasileiro (2000 a 2006)

Provincia	Local	市	区	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
1º	Shizuoka-ken	浜松市	Hamamatsu-shi	11.149	12.144	12.724	12.766	13.830	17.943	19.402
2º	Aichi-ken	豊橋市	Toyohashi-shi	8.543	9.216	9.276	10.293	11.165	11.981	12.553
3º	Aichi-ken	豊田市	Toyota-shi	5.354	5.954	6.201	6.266	6.644	7.198	7.743
4º	Shizuoka-ken	豊田市	Iwata-shi	2.471	2.787	3.353	3.592	4.036	7.021	7.497
5º	Aichi-ken	名古屋市	Nagoya-shi	4.601	4.785	4.721	4.862	5.163	5.796	6.130
6º	Aichi-ken	岡崎市	Okazaki-shi	3.185	3.468	3.969	4.500	5.038	5.395	5.641
7º	Gunma-ken	伊勢崎市	Isesaki-shi	2.952	3.204	3.197	3.372	4.895	5.009	5.122
8º	Mie-ken	鈴鹿市	Suzuka-shi	3.542	3.907	3.892	4.084	4.390	4.466	4.902
9º	Gunma-ken	可児市	Kani-shi	2.992	2.962	3.230	3.874	4.470	4.475	4.822
10º	Gunma-ken	大塚市	Ogaki-shi	3.598	3.358	3.214	3.219	3.500	4.332	4.749
11º	Aichi-ken	小牧市	Komaki-shi	3.805	3.799	3.748	3.629	4.130	4.406	4.727
12º	Mie-ken	四日市市	Yokkaichi-shi	2.743	3.096	3.130	2.939	2.597	3.926	4.072
13º	Gunma-ken	太田市	Ota-shi	3.258	3.338	3.289	3.245	3.445	4.108	4.036
14º	Kanagawa-ken	横浜市	Yokohama-shi	3.535	3.947	3.919	3.798	3.803	3.742	3.790
15º	Shizuoka-ken	掛川市	Kakegawa-shi	956	984	1.144	1.308	1.462	3.719	3.774
16º	Gunma-ken	美濃加茂市	Minokamo-shi	1.354	2.390	2.544	2.932	3.118	3.519	3.695
17º	Mie-ken	津市	Tsu-shi	1.789	2.177	2.264	2.346	2.563	2.660	3.693
18º	Aichi-ken	豊川市	Toyokawa-shi	2.259	2.065	2.425	2.589	2.869	3.179	3.519
19º	Ibaraki-ken	常陸市	Jose-shi	n	n	n	n	n	n	3.333
20º	Aichi-ken	安城市	Anjo-shi	1.946	2.237	2.215	2.238	2.553	2.910	3.140
21º	Aichi-ken	西尾市	Nishio-shi	1.596	1.731	1.925	2.035	2.344	2.661	3.136
22º	Shizuoka-ken	菊川市	Kikugawa-shi	n	n	n	n	n	2.891	3.108
23º	Nagano-ken	上田市	Ueda-shi	2.305	2.436	2.418	2.462	2.429	2.592	2.947
24º	Aichi-ken	知立市	Chiryu-shi	1.195	1.539	1.782	2.067	2.394	2.744	2.867
25º	Tokyo-to	東京	Tokyo	2.759	2.825	2.857	2.724	2.743	2.767	2.842

Fonte: SASAKI (2009, p. 297).

OBS (1): Classificação de cidades feita a partir do último ano de 2006.

OBS (2): ~to (都), ~do (道), ~fu (府) e ~ken (県) são diferentes termos utilizados para província; ~shi (市) significa cidade; e ~ku (区) bairros.

OBS (3): 'n' = não consta no relatório do referido ano.

4.3 Reflexos da maior presença brasileira no Japão

4.3.1 Quanto a associações de apoio ao Dekassegi no Brasil e no Japão

No "Simpósio sobre o Fenômeno Dekassegi", realizado em 1991 na cidade de São Paulo e com seus anais organizados por Masato Ninomiya, foram discutidas as circunstâncias migratórias e consequências. Obteve, como um dos resultados, a fundação do Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior (CIATE – SP) em outubro de 1992 sob a forma de sociedade civil, o qual trabalha com o Ministério da Saúde, Trabalho e Bem-Estar Social do Japão através do Centro de Estabilização do Emprego nas Indústrias do Japão e possuem escritórios em Tokyo, Nagoya e em outras 8 cidades do país. Em 1997 foi criada na cidade de Curitiba a

Associação de Apoio aos *Dekasseguis* (AAD). Como o trabalho realizado era de auxiliar os *Dekasseguis*, em 2000 mudou seu nome para Associação Brasileira de *Dekasseguis* (ABD), que já trabalhava em parceria com o SEBRAE-SP. Seu trabalho possui referência nacional e internacional e em 2002 foi credenciada pelo Ministério Público de Justiça como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP). Em 2005, a ABD tornou-se parceira com o Banco Internacional de Desenvolvimento (BID) e o SEBRAE Nacional no Projeto *Dekassegui* Empreendedor, visando desenvolver a capacidade empreendedora do *Dekassegui* brasileiro, com apoio educacional, técnico e gerencial para abertura de negócios no Brasil.

Os brasileiros procuram conviver com seus conterrâneos pela facilidade de comunicação e a necessidade de apoio mútuo. Formam grupos nas moradias e atividades de lazer e ligam-se à mesma rede de apoio para sobrevivência no Japão. Os imigrantes solteiros, em geral, buscam atividades de lazer, informação e comunicação, enquanto outros procuram a defesa dos direitos trabalhistas e sociais. A prática coletiva de brasileiros é manifestada em festas típicas do Brasil (bailes, aniversários, carnavales, etc.); cursos de língua japonesa; culinária; em festas tradicionais japonesas quando participam com dança; em competições esportivas e outras atividades. Enquanto reforçam os laços de solidariedade grupal, abrem espaços na sociedade japonesa para a introdução de aspectos da cultura brasileira, bem como receber influências culturais do Japão atual. Não permite apenas reforçar a sua brasilidade, mas também marca as influências da cultura japonesa. Desta forma, amplia no imigrante brasileiro a capacidade de convívio e a flexibilidade, entre ambas as cidades (KAWAMURA, 1999). Mesmo com o sentimento de "inveja" despertado entre alguns grupos brasileiros, os *Dekasseguis* ainda preferem conviver entre seus conterrâneos pela identificação de hábitos em geral.

4.3.2 Quanto à adaptação das cidades nipônicas, parte comercial e educacional

Devido ao fato do alto contingente de brasileiros, o então vice-prefeito de Hamamatsu, Ryuzaburo Inoue, em 1991, relatou no "Simpósio sobre o Fenômeno *Dekassegui*" as atitudes da prefeitura de sua cidade para melhor convívio entre a população nativa e migrante. Uma delas é a distribuição de panfletos em português

De acordo com KAWAMURA (1999), os filhos de *Dekassegui* que ingressam em escolas nipônicas sofrem grande influência por permanecerem a maior parte do tempo na instituição de ensino. Por isso, incorporam os princípios, regras e costumes do novo grupo que participam introduzidos em clubes escolares e eventos esportivos. Os alunos das séries iniciais preferem comunicar-se em japonês, e, em alguns casos, esquecem o português e têm um comportamento próximo ao dos colegas japoneses. As escolas com grande número de alunos brasileiros possuem o desafio da heterogeneidade num processo educacional que busca a homogeneidade cultural e comportamental. A presença de crianças brasileiras interfere não só no

Não só a parte comercial foi prioridade, mas o *Dekassegui* preocupou-se também com a educação de seus filhos e colegas de trabalho, pois muitos foram com toda a família. A partir de acordos com o Ministério da Educação (MEC) e com o Ministério da Educação do Japão abriram-se escolas brasileiras, com seu diploma reconhecido no Brasil. Em 1996 devido à mudança na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) chegou ao Japão os cursos a distância de Ensino Fundamental e Médio através dos seguintes órgãos: Fundação Roberto Marinho com o Telecurso 2000; Centro Tecnológico de Brasília (*Ceteban*) em parceria com a Universidade Bandeirante de São Paulo, ambos com o diploma reconhecido pelo MEC desde que estabelecidos canais efetivos em ambos os países (KAWAMURA, 1999).

A partir da concessão dos empresários locais japoneses e estes também na condição de avaliistas, iniciou-se o comércio de brasileiros *para* brasileiros. Os empresários migrantes procuram honrar o compromisso assumido com os avaliistas nipônicos, além de expandir o seu comércio: salões de beleza, revistas, jornais a lojas de automóveis, restaurantes e bares. O shopping Brazilian Plaza, na cidade de Oizumi, situada na província de Gunma é um grande exemplo, pois nele há apenas lojas brasileiras e também produtos que possuem origem do Brasil (KAWAMURA, 1999).

sobre os serviços existentes. Desde então há também cursos de *Nihongo* para brasileiros como atividade comunitária, bem como cursos de português voltados para a comunidade local. Não só Hamamatsu tomou providências quanto ao assunto, mas as demais cidades de Shizuoka, Aichi e Gunma publicam o "Guia da Cidade" e possuem placas com avisos em língua portuguesa para melhor comunicação, adaptação e convívio com os moradores nativos.

Shinji e Hikari fizeram *Arubaito* porque queriam adquirir experiência de vida em morar e trabalhar no exterior, além de conhecer um pouco do Japão como sempre sonhavam. Trabalharam para juntar dinheiro e, depois, aproveitá-lo melhor

mesma situação.

que se encontravam na condição de *Dekassegui*, pois em uma época esteve na encontro realizado em Hamamatsu. Deu seu testemunho e palavras de coragem aos encontro com o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, e também fez uma palestra num Japão como trabalhador, mas sim como turista. Em 2005, foi para Tokyo num adquirida e de como superar as dificuldades e, a princípio, não retornaria para o Florianópolis. Carlos afirma que, do Japão, só sobrou a experiência de vida *Gakkai International* (SGI), ambos criaram um vínculo social através da religião em de vaga é chamada de *reenter*. Entretanto, por serem budistas praticantes da *Soka* vaga garantida por um ano, caso não se adaptassem mais ao Brasil. Esta garantia Pela competência de ambos, o chefe do setor na fábrica disse que eles teriam a sua pousada. Permaneceram após esse período e cogitaram a volta para o Japão. Londrina para Florianópolis com os filhos, porque um amigo pediu para administrar a economizado da época de operários na indústria japonesa. Em 2000, foram de levou à falência a empresa, que abriram fazia apenas 6 meses com o dinheiro visita destes durante as férias escolares. Após 2 anos e 6 meses, o irmão de Carlos financeiro, representado pela maioria. Deixaram os filhos no Brasil e receberam a Carlos e Daniela apontaram como principal razão para migrar o fator

dinheiro?

um local em que se conhece poucas pessoas, apenas para trabalhar e acumular objetivos? Vale a pena pagar o preço de ser, quer queira ou não, um estrangeiro em para o Japão? Por que não trabalhar no Brasil e economizar para alcançar os seus Afinal, por que há um grupo de *Nikkéis* que veem a necessidade de migrar

4.4 Qual a necessidade de migrar?

convívio e deem o devido retorno à sociedade receptora. processo de aprendizado entre os filhos de migrantes, mas também entre os próprios nipônicos: preocupam os pais, professores e autoridades japonesas com relação ao acompanhamento para que possuam a mesma conduta para um bom

através do turismo, não almejavam muito. Mesmo com apenas 3 meses de duração, as jornadas de 12 horas diárias em pé são um preço alto que se paga através da fadiga corporal.

Na visão de Juzo como ex-recrutador, só compensa ir trabalhar no Japão quem possui urgência em acumulação de capital quando o dólar está em alta. Em situação contrária torna-se uma desvantagem, além da necessidade do *Dekassegui* ser disciplinado com o dinheiro.

Para os entrevistados, quem possui um forte vínculo pessoal no Brasil e tem disciplina financeira consegue alcançar seus objetivos e retornar em breve. Devido ao apelo consumista e poder aquisitivo com o salário pago no Japão, há facilidade na compra de automóveis, aparelhos eletrônicos, roupas de grife e afins. Quando os informantes foram questionados sobre ascensão social trabalhando no Brasil, a opinião foi unânime: sim, é possível ascender socialmente no país através do trabalho, por todo mundo ser capaz e necessita apenas de determinação em não desistir de seus objetivos. Se por um lado houve unanimidade, pelo outro, uma cisão. Indagados se realizariam o mesmo tipo de trabalho no Brasil, Carlos e Daniela disseram que, se fosse necessário, fariam, enquanto Shinji e Hikari afirmaram de jamais realizar algo deste tipo. Esta divisão de opiniões ocorre porque Carlos e Daniela, apesar de ambos serem microempresários até a entrevista (2009), possuem o Ensino Médio incompleto. Hikari possui formação em Educação Física pelas Faculdades Integradas Santo André (FEFISA); Shinji está nos semestres finais em Educação Física pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Para ambos, não há motivo de exercer uma profissão semelhante no Brasil, por possuírem nível superior e, através dele, a chance em conseguir um emprego melhor.

Se é possível ascensão social no Brasil a partir dos fatores trabalho, determinação e não desistir dos seus objetivos, qual a razão de migrar? Deve levar-se em consideração que, apesar do poder aquisitivo do trabalhador brasileiro ser baixo, o custo de vida não é elevado como o japonês quanto à moradia e alimentação. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a média salarial do trabalhador brasileiro é de 3,6 salários mínimos em 2006, o equivalente a R\$1.260. O salário médio do *Dekassegui* é de US\$2.500, considerado baixo para o alto custo de vida no Japão e, quando apenas uma pessoa trabalha,

passa a ser complicado poupar dinheiro. Tal como falado pelos entrevistados: quando se trabalha como *Dekassegui*, a pessoa "vira um robô", por haver necessidade que se respeite as normas de trabalho em silêncio, hierarquia, 12 horas diárias, 6 dias por semana. O dia de folga torna-se o dia de fazer compras no supermercado, limpar a casa e, para quem possui um automóvel, limpá-lo, além de repouso para o reinício do ciclo. Segundo Kawamura (1999), quem migra para a condição de *Dekassegui*, ganha no Brasil acima de 5 salários mínimos. Em teoria, é possível economizar dinheiro de maneira menos sofrível nesta condição financeira. Carlos comenta: "Quando eu morei no Japão, eu aprendi uma coisa: você quer viver ou você quer durar? Quando você quer viver, você apenas trabalha até cansar, come e dorme. Tudo para guardar dinheiro e mais nada. Quando você quer durar, você procura aproveitar conforme possível os prazeres da vida, de viajar, ir a um bom restaurante, comprar algo que goste. Eu tive essa ligação de vida, que eu quero durar. Lutando, economizando, mas, aproveitando como gosto quando posso. Aqui no Brasil, qualquer trabalho que você exerga você utiliza muito mais a capacidade intelectual do que no Japão, porque lá, é só aquilo que você tem de fazer e mais nada, é um robô em forma de humano". A partir dos pontos citados, podemos pensar: e a questão de adaptação com outro idioma (o qual a maioria não possui domínio como os próprios informantes relataram), a adaptação em si? É comum ver pessoas que não se adaptaram em outro estado, ou até mesmo outro município, por ficar longe dos amigos e familiares. Então, como fazer quando vai para outro país, a partir de um ritmo diferente no trabalho e até mesmo de convivência entre os vizinhos? A necessidade em migrar, afinal, é apenas o fator financeiro, ou também uma cobrança no seu "eu" de forma individual, em provar para si mesmo que é capaz de um desafio?

4.5 A mudança de rumo do *Dekassegui* com a crise econômica no século XXI e as novas regras japonesas

Em 2008 teve início a crise econômica nos EUA e demais países desenvolvidos, com a violenta desvalorização do dólar. Com a depreciação da moeda estado-unidense, a moeda japonesa, o *iene* ou *yen*³⁹ teve uma maior

³⁹ O símbolo da moeda japonesa é "¥" ou "円" (En).

A crise de 2008/2009 interrompeu a busca do sonho de diversos trabalhadores, mas que ainda enxergam a possibilidade de realização dos seus objetivos. Seja no Brasil, ou no Japão, a vida segue em frente e, desta forma, não é porque o momento esteja em condições impróprias que haja a necessidade de abdicar da sua ideia inicial. Pelo fato de a crise ser cíclica, em algum momento, ela

algo latente, tal como foi no Brasil nos anos de 1980 e início de 1990. alguma empresa que trabalhou antes. A insegurança de desemprego, todavia, é considerada pelos próprios pesquisadores como "cidadão do mundo". Alguns dos volta de seu país, é evidente a compra e limitação do direito de ir e vir de quem era quanto na conversação. Mesmo que seja uma medida assistencialista o incentivo à importância. Uma delas é o domínio mínimo de 3% do *Nihongo*, tanto na escrita rumo ao Japão a partir de 2009, as quais os *Nikkeis* por enquanto não dão muita podem retornar: no ano de 2012. São feitas algumas exigências para quem migrar *posteriori*, as autoridades nipônicas decidiram a partir de quando estes imigrantes retornar para o Japão, nem mesmo como turista por tempo indeterminado. A em idade de estudos. Foi oferecido este auxílio, porém, com uma condição: não simbólica de dinheiro: 3 mil dólares por trabalhador e 2 mil dólares por dependente retornarem a seu país natal, custeando o valor das passagens aéreas e uma quantia O governo japonês criou uma linha de incentivo para os estrangeiros

local adequado para se abrigar. Houve casos de *ex-Dekasseguis* que morreram de hipotermia por não possuir um *cibercafé*, pagando 8 dólares por noite para dormir em um local com aquecimento. passaram a morar debaixo de pontes, viadutos, túneis e, os mais afortunados, em empreiteira enquanto o migrante exerce o ofício para o qual foi contratado. Muitos grande parte perde seu alojamento, já que a maioria habita o imóvel alugado pela Segundo a ABD, 70 mil brasileiros retornaram ao país. Devido às demissões, maior facilidade.

pois fazem parte do quadro de funcionários temporários, que são dispensados com exerce o papel de operário no setor automotivo, passou a sofrer com o desemprego, impacto da tendência financeira mundial. Como a maior parte dos *Dekasseguis* Japão, como exportador de sucesso na indústria automobilística sentiu o forte valorização, acompanhada de diminuição na exportação do setor manufatureiro. O

amenizará. A partir deste período, aparecerão novas oportunidades para o *Dekassegui*.

CONCLUSÃO

A razão migratória na maioria das vezes se encontra ligada de forma direta com um fator: o financeiro. Da Era Meiji a Era Heisei, seja *Nihonjin* ou *Nikkeijin*, os motivos para emigrar são fugir de adversidades econômicas, desemprego e afins. Poucos recordam das consequências do movimento, por haver a necessidade de adaptação, assimilação dos hábitos locais e integração, porque ninguém neste mundo consegue viver sem o convívio de outras pessoas.

Há a inversão dos papéis quando comparada a migração japonesa para o Brasil no início do século XX e o movimento contrário do *Nikkei*. Quando o nipônico desembarcou no país, era "o mais estrangeiro entre os estrangeiros", enquanto o nipo-brasileiro no sentido inverso é "o menos estrangeiro entre os estrangeiros", por sua consanguinidade provada legalmente. O que é visto pelo brasileiro como representação de costumes japoneses, são estranhados pelos nipônicos, devido à transformação sofrida no Japão durante a década de 1950. Logo, o *Nikkei* parece, mas não é *Nihonjin*. A partir na reforma da Lei de Imigração em 1990, o Japão facilitou a entrada do *Nikkei*, porém, não previu as consequências e conflitos a partir da grande oferta para serviços nos 3K. Torna-se evidente o choque da educação que valoriza o caráter individual praticado no Brasil, quando comparada com a sociedade das normas e técnicas para o bem geral e repressora das manifestações dos sentimentos em público. A argumentação das autoridades japonesas e a defesa com relação à homogeneidade étnico-cultural caem por terra, pois há diferenças em todos os sentidos inclusive no fentótipo, pela presença de coreanos, chineses, okinawanos e *ainu*.

No âmbito econômico, os imigrantes japoneses deixaram sua contribuição no Brasil a partir do trabalho nos cafezais. *A posteriori*, colaboraram na formação de empresas urbanas, rurais com maior desenvolvimento na área agrícola com cultivos de frutas e flores. Quando a inflação e os juros galopantes no país diminuíram a possibilidade de estabilidade financeira e a realização de seus objetivos, encontrou na terra de seus antepassados a necessidade de mão-de-obra barata no setor manufatureiro. Com iniciativa individual para fugir da crise, o fenômeno *Dekassegui* contribuiu para o Brasil pelo fato de o trabalhador brasileiro, em território nipônico,

Logo, cabe ao migrante conhecer o seu papel social, sua responsabilidade, quais são seus direitos, deveres e conciliar seus interesses com a sociedade. As noções de raça, nação, Estado são temporárias, unilaterais e arbitrárias. E

família, seguindo no anonimato esta nova luta.

Muitos "sumiram", por sentir vergonha em admitir o fracasso perante os amigos e a CIATE e a ABD estão em busca de quem foi para o Japão e não dá mais notícias. retornem para o Japão, serão responsabilizados por elas. A pedido dos familiares, alguma com medo de cobrança das dívidas. Mesmo com atitudes impensadas, caso alguém em imóvel particular simplesmente deixou o local, não dando satisfação na rua, por não possuir condições de quitar o financiamento. Quem morava de Brasil e abandonaram carros com chave na ignição em estacionamentos ou mesmo conjuntura. Na situação de desempregado, compraram passagens de volta para medidas tomadas. Houve brasileiros que não estavam preparados para esta nova funcionários no subgrupo de contratados são os primeiros a sentir o peso das novas readaptação com o menor volume na exportação. Como efeito colateral, os devido ao desemprego e a ruptura de hábitos causou desemprego e exigências de

Órgãos como a ABD apontam a volta de 70 mil brasileiros até junho de 2009

elevado. Passam a ficar no vai-e-vem entre ambos os países.

maior facilidade em adquirir bens de consumo, mesmo com um custo de vida se frustram com o baixo poder aquisitivo após a volta, recordando como no Japão há Muitos destes, entretanto, não conseguem se readaptar as condições brasileiras e lembra com saudosismo da época em que morava no Brasil e pensa no retorno. um novo espírito de sacrifício por parte do migrante. Enquanto se está no Japão, quando se está no Japão e é visto como *brasileiro* contribui para a composição de reviravolta econômica internacional. A crise identitária em ser *japones* no Brasil e, morar, mesmo por um curto espaço de tempo, devido ao inesperado de uma ascensão social com esforço e trabalho no Brasil, uma das razões para migrar é quando comparado ao Japão, que possui uma situação oposta. Sendo possível Real, o baixo custo de vida compensa o pequeno poder aquisitivo do trabalhador, objetivos financeiros. A partir da estabilidade econômica brasileira após o Plano Apesar de comprovada a não necessidade em migrar para alcançar seus

entrada de até 2 bilhões de dólares por ano no país.

enviar remessas de capital para seus familiares, o que resultou nos tempos áureos a

necessário pensar a condição de cidadão do mundo, em constante mutação. Por mais planejado como será dado cada passo, trabalha-se com uma possibilidade, jamais uma certeza.

REFERÊNCIAS

- 100 Anos de Imigração Japonesa no Brasil, Capítulo 1 (2) – Os anos que procederam a imigração, O movimento anti-japonês na Austrália e na América do Norte http://www.ndl.go.jp/brasil/pt/s1/s1_2.html acessado em junho de 2009;
- Associação Brasileira de *Dekasseguis*: www.abdnnet.org.br acessado em maio de 2008 e maio de 2009;
- BELTRÃO, Kaizo Iwakami; SUGAHARA, Sonoe "Permanente temporário: *dekasseguis* brasileiros no Japão", Revista Brasileira de Estudos de População; ISSN 0102-3098 versão impressa. Rev. bras. Estud. Popul. V.23 n.1 São Paulo jan./jun. 2006; http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982006000100005&lng=pt&nrm=iso acessado em março de 2008;
- Centro de Informação ao Trabalhador no Exterior (CIATE-SP): <http://ciate.org.br/index.htm> acessado em julho de 2009;
- HARVEY, David "A Condição Pós-Moderna", Edições Loyola, 1994;
- ipcdigital.com (versão digitalizada do jornal International Press Co.): <http://www.ipcdigital.com/br/Noticias/Japao/Taxa-de-natalidade-aumenta-no-Japao> acessado em julho de 2009;
- KAWAMURA, Lili Katsuco "Para Onde Vão Os Brasileiros?", Editora UNICAMP, Fundação Japão, 1999;
- KUMAKASA, Y.; SAITO, Hiroshi (1973) [1970] "Kachigumi: Uma Desilusão Coletiva entre os Japoneses e seus Descendentes no Brasil" in SAITO, Hiroshi e MAEYAMA, Takashi (Org.) "Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil", Editora Vozes USP, 1973, p. 448-464;
- NINOMIYA, Masato (Org.) "Dekassegu! Palestras e Exposições do Simpósio Sobre o Fenômeno Chamado Dekassegu!", Editora Estação Liberdade, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992;
- portaldia.com (versão digitalizada do jornal O Dia): <http://www.sistemadia.com/noticias/ibge-media-salarial-no-brasil-caiu-entre-2000-e-2006-106.html> acessado em julho de 2009;
- Revista e Site *Made In Japan*: <http://madeinjapan.uol.com.br/2003/04/25/imigracao-japonesa-comecou-com-okasato-maru/> acessado em junho de 2008;
- ROTH, Joshua Hotaka "Political and Cultural Perspectives on Japan's Insider Minorities": <http://www.japanfocus.org/products/details/1723> acessado em março de 2008;

SAKURAI, Célia "Tensões dentro de um mesmo grupo: os japoneses do pós-guerra e os antigos imigrantes"; http://www.abep.nepo.unicamp.com.br/site/eventos/abep/PDF/ABEP2004_599.pdf acessado em junho de 2008;

SASAKI, Elisa Massae "SER OU NÃO SER JAPONÊS? A Construção da Identidade dos Brasileiros Descendentes de Japoneses no Contexto das Migrações Internacionais do Japão Contemporâneo", tese de Doutorado defendida na UNICAMP e publicada em Fevereiro de 2009;

SASAKI, Elisa Massae "A Imigração para o Japão", Estudos Avançados; ISSN 0103-4014 versão impressa; Estud. Av. V.20 n.57 São Paulo maio/ago. 2006; http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200009&lng=pt&nrm=iso acessado em março de 2008;

SCHADEN, Egon (1973) [1956] "Aculturação de Alemães e Japoneses no Brasil" in SAITO, Hiroshi e MAEYAMA, Takashi (Org.) "Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil", Editora Vozes USP, 1973, p. 513-521;

SILVER, Beverly J. "Forças do Trabalho: Movimentos de Trabalhadores e Globalização Desde 1870", São Paulo, Editora Boitempo, 2005, p 19-124;

SHIMIDU, Amélia Hiroko (1973) [1971] "A Assimilação dos Estudantes Universitários Nisseis em São Paulo", in SAITO, Hiroshi e MAEYAMA, Takashi (Org.) "Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil", Editora Vozes USP, 1973, p. 475-487;

STANIFORD, Philip (1973) [1970] "Nihon Ni Itemo Sho Ga Nai: O Background a Estratégia e a Personalidade do Imigrante Japonês Alem-Mar", in SAITO, Hiroshi e MAEYAMA, Takashi (Org.) "Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil", Editora Vozes USP, 1973, p. 32-55;

WIKIPEDIA JAPAN: <http://ja.wikipedia.org/wiki/日本人> acessado em novembro de 2009.

ANEXO I – GUIA FONÉTICO DE JAPONÊS

Em relação à língua japonesa, podemos dizer que ela utiliza simultaneamente três diferentes sistemas de escrita: o *Hiragana* (ひらがな), o

Katakana (カタカナ) e o *Kanji* (漢字). O *Hiragana* é composto de 46 letras básicas, e, por meio delas, podem-se grafar todos os sons da língua japonesa. O *Katakana* (カタカナ), também composto de 46 letras básicas

correspondentes ao *Hiragana* (ひらがな), é utilizado principalmente para a transcrição de nomes de pessoas, termos estrangeiros e onomatopéias. Já o *Kanji* (漢字) é um sistema que utiliza caracteres chineses, cada qual com o

significado próprio, porém apresentando mais de uma leitura. Além dos três sistemas de escrita japonesa, há o sistema *Hepburn*, criado por James Curtis *HEPBURN* (1815-1911), que representa graficamente os sons do idioma japonês utilizando o alfabeto latino, conforme pronúncia inglesa (*MICHAELIS* 2000). Este sistema é uma romanização da escrita japonesa.

É importante esclarecer algumas particularidades da pronúncia do japonês, pois neste trabalho frequentemente palavras japonesas serão utilizadas e para tal adotaremos o sistema *Hepburn*:

- *r* é sempre uma consoante vibrante alveolar, como em 'caro', mesmo em palavras iniciadas por essa letra; não existe pronúncia 'rr', muito usada na língua portuguesa;

- *h* é sempre aspirado, como em 'hungry', em inglês;

- *e* e *o* devem ser pronunciados com som fechado, como em 'poema' e 'onde';

- *w* é uma semivogal e tem som equivalente ao *u* da palavra 'mau';

- *y* é uma semivogal e tem som equivalente ao *i* da palavra 'mais';

- *s* é sempre sibilante, como o *ss* e o *ç* em português;

- *sh* tem som de *x* ou *ch*, como em 'chá';

- *ch* tem som de *tch*, como em 'tchau';

- /tem som de **dp**, como em 'adjetivo';

- *ge* e *gi* pronunciam-se **gne** e **gni**; já as sílabas *ga*, *go* e *gu* pronunciam-se

como se escrevem;

- os sons longos são indicados com macron (–) sobre as vogais, como **ā**, **ē**, **ī**,

ō e **ū**.

**ANEXO II – MISSÃO/OBJETIVO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE DEKASSEGUIS (ABD)**

MISSÃO

Promover o desenvolvimento dos dekasseguis e a sua integração na sociedade.

OBJETIVO

Realizar ações de orientação e capacitação interagindo com entidades afins.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

* Promover atividades que visem desenvolver o potencial humano;

* Buscar parcerias visando atender questões de interesse dos dekasseguis;

* Montar acervo de informações sobre os dekasseguis.

FOCO

Nosso foco estará voltado para:

1-ORIENTAÇÃO

2-RH

3-PROJETO DEKASSEGUI

4-CURSOS

5-PESQUISA

ANEXO III – FORMAÇÃO DO CENTRO DE INFORMAÇÃO DE APOIO AO TRABALHADOR NO EXTERIOR (CIATE-SP)

O CENTRO DE INFORMAÇÃO E APOIO AO TRABALHADOR NO EXTERIOR, conhecido pela sigla "CIATE-SP", foi estabelecido em outubro de 1992, sob a forma de sociedade civil, sem fins lucrativos.

O CIATE-SP tem por objetivo prestar indispensáveis e relevantes serviços de informação e de orientação sobre os mais variados aspectos da sociedade e cultura japonesa, aos nipo-brasileiros, aos seus cônjuges e filhos. A atuação do CIATE-SP é desenvolvida nas três fases que envolvem a migração de trabalhadores brasileiros ao Japão: antes de sua ida, no período de sua permanência e após o seu retorno.

O CIATE-SP é um órgão que trabalha em estreito relacionamento com o Ministério da Saúde, Trabalho e Bem-Estar Social do Japão, através do Centro de Estabilização do Emprego nas Indústrias do Japão, que coordena as atividades do Centro de Assistência de Empregos para Nikkeis de Tokyo e de Nagoya, além de outros 8 escritórios existentes em todo o Japão. O CIATE-SP, por intermédio de seus consultores, fornece informações e orientações sobre:

- Oportunidades de emprego no Japão;
- A cultura, os usos e costumes, e a vida cotidiana no Japão;
- Legislação trabalhista japonesa;
- Assessoria jurídica;
- Sistema educacional no Japão;
- Seguro-social (saúde, previdência, desemprego, acidentes de trabalho) japoneses;
- Restituição de aposentadoria e solicitação de pensão;
- Imposto de renda (bitributação) e demais tributos do Japão;

Além do fornecimento de informações e orientações, o CIATE desempenha as seguintes atividades:

- Realização de cursos preparatórios para quem pretende ir ao Japão;
- Promoção de seminários e palestras sobre temas atuais e de grande interesse;
- Realização do CIATE itinerante em cidades situadas fora de São Paulo;
- Apresentação de órgãos públicos e entidades assistenciais;
- Atendimento de consultas via internet;
- Realização de pesquisas de opinião pública;
- Outras informações e orientações.

É importante salientar que, a prestação de todos os serviços supramencionados é gratuita.